

25 de julho - dia de luta contra o governo

No próximo dia 25 serão realizados atos e manifestações de protesto em todo o país contra o descaso do governo FHC em relação às reivindicações dos movimentos populares. Nessa data, Dia do Trabalhador Rural e do Condutor, a Central de Movimentos Populares, CUT, MST e partidos de esquer-

da vão às ruas exigir terra, trabalho e moradia. Em São Paulo, caravanas do interior e dos bairros da periferia da capital se concentrarão na avenida Paulista. As bandeiras de luta do movimento são: reforma agrária, emprego, moradia, justiça, salários e previdência pública.

A Classe Operária



PROLETÁRIOS
DE TODOS OS
PAÍSES, UNI-VOS

R\$ 1,00

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

Crise cambial se alastra na Ásia e lança sombra sobre o Brasil

A Bolsa de Valores de São Paulo viveu momentos de pânico na última segunda-feira, 14 de julho, quando o índice Bovespa registrou queda de 3,4%, motivada pela divulgação dos números do balanço de pagamentos (com saldo negativo de US\$ 15,6 bilhões nas contas correntes) e queima de US\$ 1,7 bilhão das reservas monetárias do país para cobrir o rombo.

Os investidores alimentam a expectativa de desvalorização do real e estão assustados com a crise cambial que começou na Tailândia, estendeu-se às Filipinas, Indonésia e outros países asiáticos, sinalizando a impossibilidade de sustentar a médio e longo prazo crescentes déficits nas contas externas. O governo tenta tranquilizar os mercados, dizendo que tudo está indo às mil maravilhas, mas não convence.

Como pano de fundo, observa-se o aumento do endividamento externo e das remessas de lucros e dividendos. Leia mais a respeito na **página 15**.



A animação foi constante nas plenárias que discutiram conjuntura, universidade e movimento estudantil

45º CONGRESSO DA UNE

Estudantes reafirmam unidade contra FHC

O 45º Congresso da União Nacional dos Estudantes, realizado em Belo Horizonte (MG), de 2 a 6 de julho, foi uma grande demonstração de unidade do movimento estudantil em oposição ao governo federal. O Con-

gresso aprovou "o combate à ditadura civil de FHC, com a unidade do campo popular e democrático, contra o neoliberalismo e na defesa dos direitos democráticos e reivindicações dos trabalhadores". Os delega-

dos elegeram a nova diretoria da entidade, que terá como presidente, o estudante Ricardo Cappelli. Aprovaram também a realização de congressos estaduais preparatórios ao Congresso da UNE. **Páginas 4 e 5**

PCdoB



**PARTIDO FORTE!
SOCIALISMO
RENOVADO!**

9º CONGRESSO DO
PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL
13, 14 E 15 DE OUTUBRO / SÃO PAULO

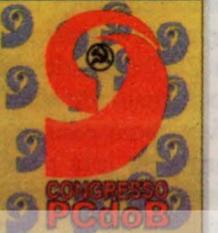
A Comissão Política do Comitê Central está conclamando o Partido a realizar um esforço concentrado nos trabalhos envolvendo o 9º Congresso. Reunida dia 14 de julho, a comissão destacou a necessidade de realizar o cadastramento informatizado dos participantes, o

levantamento das finanças específicas para os gastos com as viagens dos delegados e o incentivo à participação na **Tribuna de Debates**. Leia a íntegra da nota da Comissão Política e as opiniões de militantes sobre o temário do 9º Congresso na **Tribuna de Debates**.

**CONTRIBUA PARA A REALIZAÇÃO
DO 9º CONGRESSO DO PCdoB**



**RASPE
PELA
DEMOCRACIA
PELO
SOCIALISMO**



**PARTICIPE DA PROMOÇÃO DO
9º CONGRESSO.**

Prêmios de R\$ 1,00 a R\$ 5 mil!
Entre em contato com o PCdoB-
GO, rua 232, nº 50, Setor Leste
Universitário, Goiânia, Goiás
CEP 74605-140

fone (062) 212 4014, ou no
Comitê do PCdoB mais próximo



“CSC poderá ter chapa própria no ConCUT”

Wagner Gomes, membro da Executiva Nacional da CUT e coordenador geral da Corrente Sindical Classista (CSC), fala sobre o 6º Congresso Nacional da CUT, que acontece de 13 a 17 de agosto, em São Paulo, e sobre as posições da CSC para este encontro

Por Guiomar Prates

Classe - Qual a importância do Congresso da CUT neste momento?

Wagner - O 6º ConCUT vai ser um dos mais importantes da história da CUT, porque vivemos um momento de ofensiva grande do patronato, ofensiva do governo Fernando Henrique e do projeto neoliberal. Portanto, esse congresso tem a responsabilidade de dar resposta, do ponto de vista de uma resolução avançada, que enfrente o governo e esse projeto que vem causando tantos prejuízos aos trabalhadores.

Classe - O congresso nacional da CUT é precedido dos congressos estaduais. Como têm sido esses congressos?

Wagner - Já se realizaram, nesta data, metade dos congressos. E a Corrente Sindical Classista tem procurado, nos congressos estaduais, defender a idéia de que é preciso uma ampla unidade das forças de oposição ao governo para que a gente possa ter alguma possibilidade de barrar esta ofensiva. São congressos com a marca clara de oposição ao governo e de enfrentamento ao projeto neoliberal.

Classe - O que a CSC acha da proposta que defende uma chapa única de oposição à Articulação Sindical na CUT?

Wagner - Nós já discutimos um pouco a questão da política de alianças. Não definimos ainda. Teremos reunião da coordenação da Corrente no final deste mês, mas achamos que é preciso uma política unitária dentro da CUT. Pensamos que todas as correntes internas da Central se compõem num campo de oposição e, portanto, compreendemos que esse problema de chapas no congresso da CUT é um debate secundário nesse momento. O principal é ver como montar uma plataforma de luta para enfrentar esse governo e avançar no conteúdo classista. Não achamos que um bloco de esquerda den-



Wagner: ampla unidade

tro da CUT resolva os problemas da Central. Esta proposta estreita o campo de ação contra a ofensiva do capital e do governo de FHC. No entanto, a Articulação precisa alterar sua estratégia de enfrentamento ao governo, ter como eixo principal a luta e não a negociação. A Articulação precisa rever sua opinião sobre sindicato orgânico, precisa dizer a proposta sobre os inadimplentes, que hoje estão fora do ConCUT. São sindicatos importantes e que, por conta de da crise financeira dos sindicatos, não conseguem pagar a CUT. Então, dependendo do posicionamento de todas as correntes é que vamos ter a nossa definição.

Classe - Pelo que existe até agora, qual é a tendência da CSC?

Wagner - Nossa tendência é lançar chapa própria no ConCUT. A eleição da diretoria é proporcional aos votos de cada chapa. Então, se não houver condições de uma ampla chapa de unidade, poderemos sair com chapa própria.

Classe - Quais são as principais polêmicas desse congresso?

Wagner - A questão da es-

tratégia, de como a Central vai se posicionar diante do atual quadro político, que tipo de política ela vai traçar para enfrentar esse governo; a proposta de sindicato orgânico, que, se for aprovada, liquida com a unidade e autonomia dos sindicatos e a CSC não aceita, de forma nenhuma, o sindicato orgânico; e também essa questão da inadimplência. Hoje nós temos sindicatos como o dos Condutores de São Paulo, Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Bancários do Rio de Janeiro, que são sindicatos decisivos na vida da Central,

que acumularam uma dívida grande e não conseguem participar dos congressos. É preciso uma política viável para que esses sindicatos paguem a CUT. Outro debate importante é a questão da democracia interna dentro da Central. Isso, junto com uma plataforma de luta unitária, são os principais pontos do Congresso da CUT.

Classe - Aventou-se, nesse primeiro semestre, a possibilidade de uma greve geral. Essa discussão evoluiu na CUT?

Wagner - Estamos fazendo esse debate, mas no momento, priorizamos o grande ato de 25 de julho. São atos importantes que vão acontecer nas capitais, e um ato central em São Paulo, com a participação da CUT, do MST, da UNE, da Ubes, do PT, do PCdoB e de toda a sociedade que faz oposição ao governo. É um ato em defesa do emprego, da terra, por justiça. Esse dia de protesto pode ganhar o peso que ganhou a Marcha dos Sem-Terra, em 17 de abril, em Brasília. Toda a nossa mobilização é para o 25 de julho. Vamos fazer um grande esforço para que se transforme num grande dia de contestação do governo Fernando Henrique Cardoso.



Condutores da CSC apóiam Gregório Poço

CSC reúne centenas de condutores em São Paulo

Cerca de 700 motoristas, cobradores e trabalhadores da manutenção do sistema de transporte por ônibus de São Paulo participaram do II Encontro dos Condutores da Corrente Sindical Classista (CSC), realizado no dia 13 de julho (domingo) na quadra do Sindicato dos Metroviários. Os organizadores registraram mais de 600 inscrições para a reunião, que contou com a presença de parlamentares do PCdoB e do PT, vários dirigentes sindicais, os membros da Executiva Nacional da CUT, Wagner Gomes, e da Coordenação Nacional da CSC, João Batista Lemos.

O encontro demonstrou a força da Corrente Classista na categoria, a que mais cresceu nos últimos anos e, hoje, a que tem maior inserção nas garagens. Os trabalhadores lançaram a candidatura de Gregório Poço às eleições para renovar a diretoria do sindicato da categoria, que deverão ser realizadas em outubro. Enfatizaram a necessidade de mudança de rumos na entidade, cuja direção deixou muito a desejar, vacilou no combate aos governos Maluf e FHC e fez uma gestão que

resultou em prejuízos para os trabalhadores, inclusive no aumento da jornada diária de trabalho, de 6h e 40min para 7h e 10 min. Com a ameaça de desemprego em massa, proveniente do projeto de instalação das catracas eletrônicas do governo Pitta, é indispensável uma liderança firme, com credibilidade na categoria e disposição para encaminhar a luta em defesa do emprego, das conquistas e dos interesses dos condutores.

Em harmonia com o sentimento das bases, o encontro também aprovou a proposta de realização de prévias nas garagens, num processo democrático de formação da chapa, que favorece a consolidação da unidade por baixo, cimentada nos locais de trabalho. Com uma base superior a 100 mil trabalhadores, cerca de 55 mil empregados no sistema de transporte, o Sindicato dos Condutores de São Paulo é a maior entidade do setor na América Latina e ocupa uma posição estratégica para a luta de classes no país e no Estado. Isto justifica a concentração de esforços da CSC a nível nacional na batalha pela sua direção.

Realizado II Seminário de Saúde do PCdoB

Nos últimos dias 27, 28 e 29 de junho foi realizado, em Belo Horizonte, o II Seminário Nacional de Saúde do PCdoB, com marcante presença de personalidades e militantes da área.

Globalização e Saúde; O Modelo de Saúde para o Brasil: O SUS, o Papel do Setor Privado e as Organizações Sociais; Modelo de Saúde para o Brasil: Gestão Pública, Gestão Básica, Relação com o Setor Privado e Relações de Trabalho, foram os temas debatidos por diversas personalidades.

Na manhã de encerramento, o tema foi **O PCdoB e a Saúde: Estratégia, Organização e o Controle Social da Saúde - Movimento Nacional SOS-SUS.** Identificado como um setor prioritário na luta contra a ofensiva neoliberal dominante no país, a saúde passa a fazer parte da política do PCdoB e tema impor-

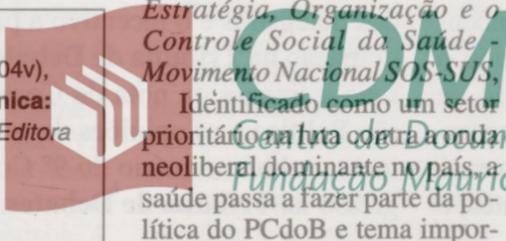
tante na pauta do IX Congresso do Partido.

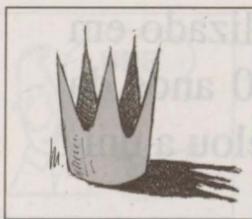
Constatou-se um saldo altamente positivo na “energização” dos militantes e na uniformização de conceitos e posições, inclusive nos aspectos que estão a merecer um maior aprofundamento. Além disso, avançou-se significativamente na contribuição para a organização partidária.

Vários seminários regionais já estão sendo organizados e ficou decidida uma próxima reunião com PT, PDT e PSB visando a continuação da luta pelo financiamento permanente da saúde, sendo a aprovação da PEC 169 (emenda constitucional que vincula recursos para o setor) e o crescimento do Movimento SOS-SUS e Militantes prioritários no atual estágio da luta política contra a ofensiva de sucateamento do governo FHC.

EXPEDIENTE

Diretor e Jornalista Responsável: João Amazonas - **Edição:** Guiomar Prates (Mtb 7061/31/04v), Pedro de Oliveira (Mtb 9.813 -SP) e Carlos Pompe (Mtb 249/01/128/AL) - **Editoração Eletrônica:** Cláudio Gonzalez e Marco Black - **Administração:** Eriberto Muniz. Publicação quinzenal da Editora **Jornalística A Classe Operária** - rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP CEP 01318-020 - Fone: (011) 604 4140 - Fax: (011) 606 0412 PCdoB na Internet: <http://www.pcdob.org.br>, E-mail: agprincipios@ax.libase.org.br





Fernando Henrique convocou extraordinariamente o Congresso Nacional. Forçou a base governista a aprovar o FEF prejudicando os Estados e municípios e continua governando através de medidas provisórias. O Bloco Parlamentar de Oposição foi contra a convocação

Convocação expõe Congresso a novo desgaste

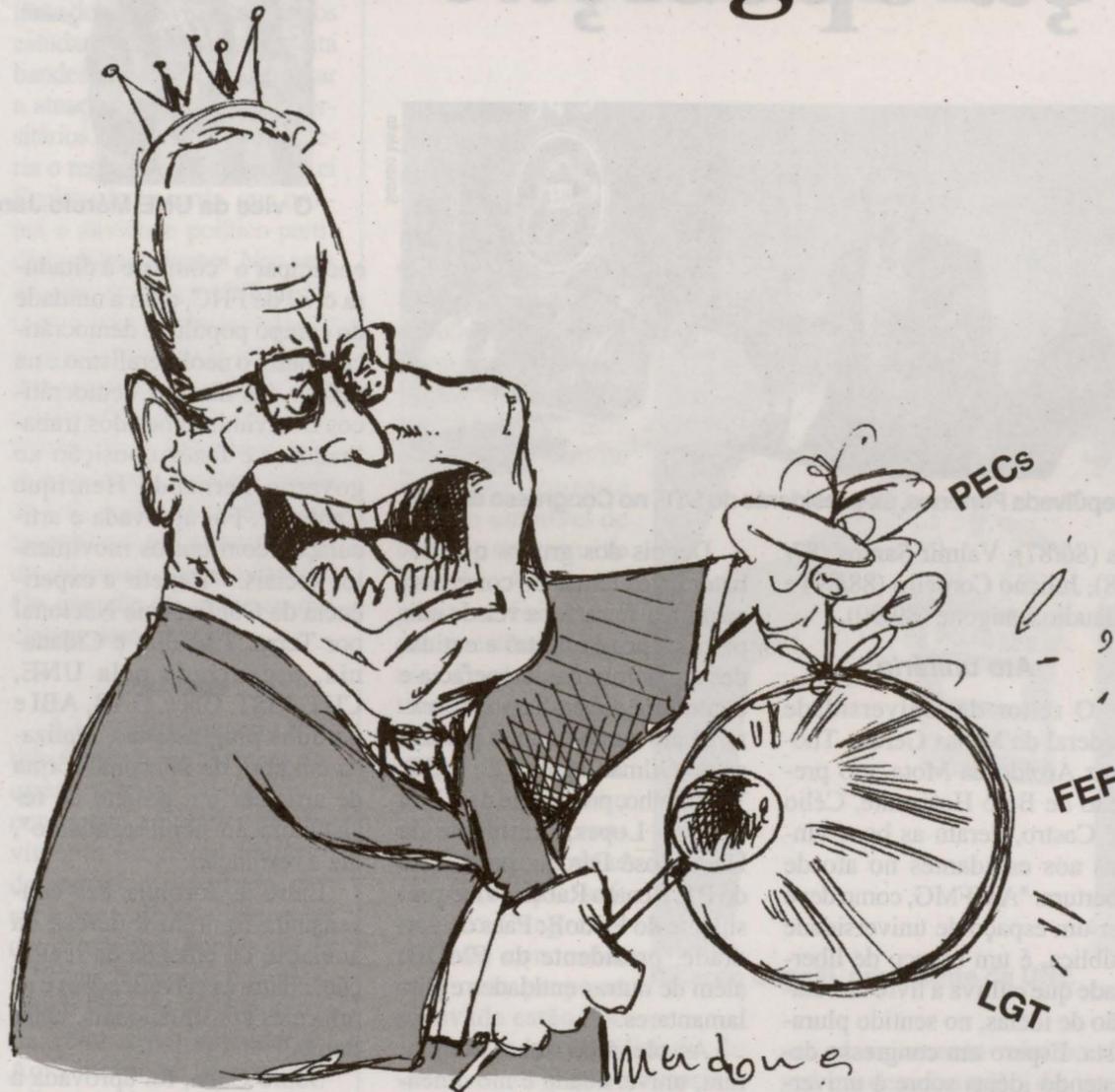
Fredo Ebling

O Congresso Nacional foi convocado extraordinariamente pelo presidente da República para funcionar de 1º a 25 de julho. A pauta da convocação, entre outros itens, prevê a apreciação pela Câmara dos Deputados das Propostas de Emenda Constitucional (PECs) da Reforma Administrativa e do Fundo de Estabilização Fiscal, aprovado no dia 15, além dos projetos de lei que tratam do Código de Trânsito Brasileiro, das normas para as eleições de 1998 e do Sistema Financeiro Imobiliário. No Senado Federal, os principais temas em pauta são a PEC da Reforma da Previdência, a Lei Geral das Telecomunicações e a regulamentação da quebra do monopólio do petróleo.

Não há, rigorosamente, nenhuma matéria que exija votação urgente a justificar o funcionamento extraordinário das duas casas legislativas. Nem mesmo o Fundo de Estabilização Fiscal (FEF) que, na ótica governamental, era prioridade absoluta, teria que ser votado em julho, pois está prevista a sua retroatividade para o dia 1º deste mês. A convocação feita pelo presidente expôs o Congresso a um novo desgaste. A imprensa realçou o fato de que os deputados e senadores teriam um ganho adicional e encenou, mais uma vez, a peça "jaboriana" que fala da morosidade parlamentar.

Fim da estabilidade

O interesse palaciano é o de consumir a votação no Senado da Lei Geral das Telecomunicações, adiantar a decisão sobre o FEF e, também, disfarçar o real objetivo da convocação extraordinária havida em fevereiro, que foi o de aprovar a reeleição. Isto sem falar que um governo acostumado às medidas provisórias necessita do Congresso funcionando para editá-las, pois assim manda a Constituição. E como a discussão sobre a compra de votos amainou, não há mais porque o governo temer que deputados e senadores utilizem os microfones para tentar amplificar a denúncia. O PCdoB e o Bloco Parlamentar de Oposição manifestaram-se firmemente contra mais este período legislativo extraordinário.



Depois de mais de trinta dias protelando a votação do principal item da reforma administrativa - o que trata da estabilidade dos servidores - o governo conseguiu, com uma margem mínima, manter no texto do relator a possibilidade de demitir funcionários públicos por insuficiência de desempenho. Este poderá ser exonerado se sentença judicial o determinar ou através de processo administrativo. Fica estipulada, também, a obrigatoriedade de uma avaliação especial de desempenho para que os servidores sejam considerados estáveis após o período do estágio probatório. Este passa a ser de três e não mais de dois anos. Uma lei complementar deverá definir os critérios de avaliação. Além disso, os servidores colocados em disponibilidade passarão a receber salários proporcionais ao tempo de serviço e não mais a remuneração integral. Continuam estáveis apenas os funcionários de carreiras consideradas típicas de Estado, a saber: das áreas de Fiscalização Tributária, Previdenciária e do Trabalho, Segurança Pública, Diplomacia, Magistratura e em funções essenciais à Justiça.

Segundo o deputado Agnelo Queiroz (PCdoB-DF) o argumento do governo de que a quebra da estabilidade é necessária para punir os maus funcionários é falacioso. "A Lei 8112/90 já prevê os casos em que servidores podem ser demitidos. Pode-se até discutir os critérios constantes nessa lei mas jamais acabar com o estatuto da estabilidade. Na verdade, o objetivo do governo é suprimir o posto de

trabalho do funcionário acusado de relapso e não o de substituí-lo por outro mais competente." Falta, ainda, uma segunda votação na Câmara, quando a oposição terá oportunidade de apresentar novos destaques ao texto aprovado para, então, o projeto seguir para o Senado.

Estados prejudicados

O Fundo de Estabilização Fiscal (FEF), que a base go-

vernista aprovou na última quarta-feira serve na verdade para "estabilizar" as contas do governo neoliberal. Com o FEF, as repercussões sociais da atual política serão ainda mais graves. Aprovado em plenário, trará prejuízos de monta para Estados, municípios e Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). A previsão de perdas do Fundo de Participação dos Estados (FPE) e do Fundo de Participação dos Municípios (FPM), em 97, será superior a R\$ 4,2 bilhões. Isto repercutirá em cheio nos investimentos sociais, os que mais sofrem cortes, sacrificando a construção e manutenção de milhares de escolas e hospitais.

Desde janeiro, o governo abriu mão de cobrar a Contribuição Sobre o Lucro Líquido (CSLL) dos bancos, uma das fontes de arrecadação do FEF. A proposta aprovada do fundo também não prevê a participação deste imposto. Com isso sua arrecadação deve encolher em mais de R\$ 1 bilhão até 1999. O deputado Sérgio Miranda (PCdoB-MG) propôs que, ao invés de prejudicar Estados e municípios e as áreas sociais com o desvio de parte dos seus recursos para o FEF, este deveria alimentar-se de 20% do montante obtido com as privatizações e concessões da banda B da telefonia celular. Seria uma medida mais justa que, o governo Fernando Henrique não está disposto a tomar.

Um Partido aberto aos que querem lutar

Sob o slogan "Tem gente que acredita no futuro. Você pode ser um deles" foi enviado convite para filiação ao PCdoB, assinado pela vereadora Jô Moraes, de Belo Horizonte. Anexo ao convite, remetido a todo o cadastro de endereços disponível no gabinete da vereadora, seguiram fichas de filiação. Em uma semana, retornaram ao gabinete 24 fichas preenchidas e a solicitação de que fossem apanhadas mais quatro fichas.

Comentários os mais diferentes eram apresentados como justificativa pelos que entrega-

vam suas fichas. "Sempre tive vontade de fazer alguma coisa na política e o seu Partido traz essa marca da luta social", relatou a editora Maria da Glória. "Além de minha filiação, trouxe também o meu sobrinho, que quer acompanhar vocês", informava dona Coracy, liderança comunitária, ao entregar a ficha. Uma carta, acompanhando a ficha assinada por Kleber, colocava: "Tenho acompanhado a luta do PCdoB na oposição deste governo mentiroso, que manipula o povo brasileiro com falsas promessas. Jô, gostaria de conhecer mais profundamente a

história do PCdoB e participar ativamente do seu dia a dia. Quero poder trabalhar, divulgar e assim contribuir no que puder para o engrandecimento do Partido."

Para Jô Moraes, a experiência vem deixando importantes ensinamentos. "O Partido tem que criar mecanismos para que o povo possa ter a oportunidade de realizar a sua escolha de filiação. Muitas vezes, é apenas o Partido que escolhe quem aborrecer para a filiação. Os novos filiados pela vereadora, já participaram de assembleias do 9º Congresso.



O 45º Congresso da União Nacional dos Estudantes, realizado em Belo Horizonte (MG), de 2 a 6 de julho, comemorou 60 anos da entidade. Foi um dos maiores congressos da entidade e selou a unidade da oposição a Fernando Henrique Cardoso

Congresso da UNE reforça oposição

Guilomar Prates

Cerca de 5 mil estudantes estiveram presentes ao 45º Congresso da UNE, discutiram e aprovaram resoluções sobre a situação nacional, a universidade e o movimento estudantil. Houve tempo e espaço também para as reuniões temáticas e para as executivas de cursos; para a música, a dança e a troca de experiências entre estudantes dos diversos Estados, tão distantes entre si quanto diversos culturalmente.

A abertura, na noite do dia 2, mostrou a força da UNE quando completa seus 60 anos. Uma homenagem a onze ex-presidentes de diversas épocas mostrou que o entusiasmo não desapareceu com o tempo. Os discursos, emocionados, conclamaram à unidade dos estudantes e ressaltaram o papel importante que a UNE cumpre hoje no Brasil, deixando aos delegados o desafio de continuar construindo uma entidade à altura de sua história.

Foram homenageados Sepúlveda Pertence (59), Aldo Arantes (61/62), José Luis Guedes (65/66), Aldo Rebelo (80/81), Javier Alfaya (81/82), Clara Araújo (82/83), Renildo Calheiros (85/86), Gisela Mendon-



Sepúlveda Pertence, ex-presidente do STF, no Congresso da UNE

ça (86/87), Valmir Santos (87/88), Juliano Cordeiro (88/89) e Claudio Langone (89/90).

Ato unitário

O reitor da Universidade Federal de Minas Gerais, Thomaz Aroldo da Mota, e o prefeito de Belo Horizonte, Célio de Castro, deram as boas vindas aos estudantes no ato de abertura. "A UFMG, como deve ser um espaço de universidade pública, é um espaço de liberdade que cultiva a livre circulação de idéias, no sentido pluralista. Espero um congresso debatendo idéias sobre a universidade, sobre o país, sobre a juventude." Para o prefeito de Belo Horizonte, "a UNE é mais do que uma entidade que congrega estudantes, é uma bandeira de luta pela democracia".

Depois dos grupos que debateram os temas do congresso na quinta-feira, foi a vez de unir partidos progressistas e entidades em defesa da democracia e contra o neoliberalismo, na sexta. O ato contou com a presença de Gilmar Mauro, do MST; Vicentinho, presidente da CUT; Kérison Lopes, presidente da Ubes; José Dirceu, presidente do PT; Renato Rabelo, vice-presidente do PCdoB; Paes de Andrade, presidente do PMDB; além de outras entidades e parlamentares.

As plenárias sobre conjuntura, universidade e movimento estudantil aprovaram em bloco as propostas consideradas consensuais e votaram as que foram polêmicas ou divergentes. Depois de acalorado debate, foi decidido que a UNE vai



O vice da UNE Márcio Jardim, Orlando Silva Jr e Capelli

encampar o "combate à ditadura civil de FHC, com a unidade do campo popular e democrático, contra o neoliberalismo e na defesa dos direitos democráticos e reivindicações dos trabalhadores e fazer oposição ao governo Fernando Henrique Cardoso". Foi aprovada a articulação com outros movimentos sociais. "Repetir a experiência da Conferência Nacional por Terra, Trabalho e Cidadania, organizada pela UNE, CUT, MST, Ubes, OAB, ABI e partidos progressistas, realizada em abril de 97, como forma de articular um projeto de resistência ao neoliberalismo", diz a resolução.

Entre as formulações consensuais figuram a defesa da anulação da emenda da reeleição, contra as privatizações e as reformas constitucionais, entre outras.

Sobre Cuba, foi aprovada a "defesa das conquistas da revolução e apoio incondicional aos esforços e a determinação do povo cubano para a manutenção do seu Estado soberano", que se contrapôs a um pequeno núme-

ro de delegados que pretendia "defender o povo cubano contra as privatizações e pela liberdade de imprensa em Cuba". De consensual nesse ponto, a condenação à lei Helms Burton e ao embargo econômico imposto à ilha pelos EUA.

Sobre a Universidade foram ratificadas por unanimidade inúmeras proposições que, historicamente, já fazem parte do programa da UNE, como a defesa do ensino público e gratuito, mais vagas e a abertura de cursos noturnos.

Congressos estaduais

Nas formulações polêmicas foram aprovadas a defesa da autonomia universitária, com o fim da ingerência do Estado e do governo nas universidades, e eleições diretas para reitor e diretor, na forma paritária ou universal, realizadas de acordo com as especificidades de cada universidade; o boicote ao provão e o fortalecimento das comissões nacionais de avaliação de ensino e formação profissional.

Este congresso aprovou o início da reestruturação do movimento estudantil. A partir de agora, serão realizados congressos estaduais que elegerão delegados para o congresso da UNE. Os delegados estaduais serão eleitos na proporção de um para 400 e mais um para fração superior a 200. Para o congresso nacional, irá um delegado para cada dois que tiver participado do congresso estadual.

O último dia do congresso foi reservado para as convenções de chapas e a eleição da nova diretoria, que ficará à frente da entidade pelos próximos dois anos. A chapa *Um passo a frente*, encabeçada pela União da Juventude Socialista, incorporou também estudantes do PDT, do PT, ligados à Articulação, PSB, PCB e independentes. Obteve 1521 votos. A segunda chapa mais votada, formada pelo PSTU, obteve 216 votos; Democracia, 99; e Ação Direta não recebeu votação.



Estudantes unidos contra o neoliberalismo e o governo FHC



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois



Ricardo Cappelli, 25 anos, estudante de informática, vai conduzir a UNE pelos próximos dois anos. Ele diz que os estudantes amadureceram e hoje se preocupam ainda mais com a unidade do movimento. Fala dos principais desafios que essa gestão encontrará

UJS lidera chapa de unidade

Ricardo Abreu (Alemão)*

Do 45º Congresso da UNE, realizado em Belo Horizonte, ecoou o grito de unidade da oposição a FHC. A inédita aliança na chapa que alcançou mais de 75% dos votos é um fato que anuncia uma nova fase de relacionamento, mais politizada e responsável, entre as lideranças estudantis das forças de esquerda. É a grande novidade deste histórico congresso.

Outra novidade é a tentativa aberta de divisão da UNE, já em curso, a partir de setores pouco representativos no movimento estudantil, mas apoiados de pronto pela grande mídia.

Bagres e tubarões

A corrente *Virando a mesa*, tendo à frente Flávio Zaquer, ex-secretário geral da última gestão, está se prestando a esse papel. O grupelho de Zaquer tumultuou o credenciamento por várias vezes, inclusive roubando crachás em branco (sem nenhuma validade, portanto) para depois exibi-los em página da *Folha de S. Paulo* alegando fraude e afirmando que criaria outra entidade, uma versão estudantil da Força Sindical. É preciso combater decididamente esse grupelho pois, com certeza, há tubarões por detrás desse bagrinho.

Parcialidade

Após o Congresso as análises e os editoriais dos jornais começaram a fazer matérias "menos parciais", atacando a UJS e o PCdoB. A virulência da mídia revela o desespero dos que vêm tentando diminuir a grandeza do Congresso e a brilhante vitória da política unitária da UJS, em sintonia com os sentimentos e reivindicações dos estudantes.

Desde 1989, quando voltou a participar da diretoria da UNE, a UJS tem atuação decisiva para consolidar a unidade e a unicidade da entidade maior de todos os universitários brasileiros; para que a UNE priorize a luta em defesa da universidade pública, gratuita e popular, da qualidade de ensino e da avaliação, de uma melhor formação profissional e contra os aumentos das mensalidades.

O que a grande mídia quer,

ao dizer que a UNE está distante dessas reivindicações dos estudantes e somente levanta bandeiras partidárias, é limitar a atuação política dos universitários, exatamente como queria o regime militar com a Lei Suplicy de Lacerda, que proibia a atividade político-partidária dos estudantes. Nos seus 60 anos de vida a UNE se firmou, e isso a própria *Folha de S. Paulo* reconhece, em grandes campanhas nacionais como o Petróleo é nosso, as Diretas Já, o *impeachment* e, recentemente, contra a venda da Vale do Rio Doce. Essas lutas políticas, por acaso, não são do interesse dos estudantes? Ou não são do interesse das classes dominantes?

Unidade

A UJS, dirigida pelo Partido Comunista do Brasil, foi quem sempre sustentou a concepção e a prática de movimento estudantil unitário, democrático, politizado, plural e baseado nos interesses dos estudantes. Fomos nós da UJS que lançamos e praticamos o lema "a UNE é unitária, combativa e apartidária". Ao contrário do que está nos editoriais da grande imprensa, as lideranças universitárias filiadas à União da Juventude Socialista e às demais organizações políticas (inclusive a partidos como o PMDB, o PSDB e o PPB) são estudantes comuns e foram eleitos por outros estudantes comuns, com os quais compartilham o mesmo cotidiano, para representá-los no congresso. O fato de se interessarem por política estudantil não os tornam menos estudantes que os demais. O "domínio político do PCdoB", "majoritário" na diretoria eleita, segundo a mídia, será de 19 diretores ligados à UJS entre os 51 cargos da diretoria! Tanto alarde só tem um motivo: tentar isolar a UJS e o PCdoB.

A UNE é de todos os estudantes, a UJS e o PCdoB sabem e lutam por isso.

Cada vez mais pura e livre das influências do neoliberalismo e unânime contra o governo FHC, a UNE seguirá sendo a única e unitária representante dos universitários brasileiros. Mesmo que uns não queiram...

*da Direção Nacional da UJS

"O que nos une é mais forte"

Classe - Qual a sua avaliação do Congresso da UNE?

Cappelli - O maior saldo desse Congresso foi, sem dúvida, o grau de unidade alcançado. Comparando com outros congressos, este foi o que teve o menor número de votações, porque atingiu um nível de consenso muito grande. As divergências foram só por questões pontuais. Essa unidade traduziu-se na plenária final, onde a chapa *Um passo a frente* aglutinou cinco teses diferentes. Mesmo as duas correntes que saíram do Congresso por não concordar com uma proposta aprovada estão discutindo a possibilidade de voltar e integrar a diretoria.

Classe - Você acha que movimento estudantil está mais maduro?

Cappelli - Sem dúvida. Isso foi demonstrado na aprovação de uma ampla frente contra o projeto neoliberal. A UNE deverá ser uma das entidades propulsoras dessa frente, junto com outras entidades e partidos políticos progressistas. Não houve um só estudante no Congresso que defendesse o projeto neoliberal, o que revela outro estágio do movimento estudantil, de maior maturidade. As picuinhas estão sendo deixadas de lado. O que nos une é mais forte.

Classe - Foi aprovada a realização de congressos estaduais preparatórios ao Congresso Nacional da UNE. Qual a importância disso?

Cappelli - Esta é uma grande mudança, tanto do ponto de vista organizativo como do ponto de vista político. Os congressos da UNE, do jeito que foram realizados até agora, estão se tornando inviáveis. São milhares de estudantes presentes e isso significa dar de comer, beber, alugar essa pessoas, sem sequer ter condições de fazer



Ricardo Cappelli, presidente da UNE

um planejamento mínimo. O pré-credenciamento dá uma noção do número de delegados, mas não há credenciamento para observadores e a UNE não pode deixar esses estudantes na rua. Do ponto de vista financeiro, os congressos quase quebram a UNE. Desse, a UNE saiu zerada, o que já é bom, porque no anterior, saiu com uma dívida de R\$ 500 mil. Essas dificuldades refletem nos debates do Congresso.

Os congressos estaduais aproximam a UNE da base do movimento. Em vez de um único congresso, teremos 27, um em cada Estado onde seria possível tratar de questões estaduais, mais próximas ao cotidiano dos estudantes. Será um processo mais democrático, mais estudantes vão poder participar e falar. Um Congresso nacional formado a partir de delegados que já participaram do congresso estadual é mais qualificado. Além disso, a realização de congressos estaduais vai impulsionar a criação de UEBs (União Estadual de Estudantes), onde ainda não existem.

Classe - Quais são as lutas mais imediatas dessa próxima gestão?

Cappelli - A luta contra a Proposta de Emenda Constitu-

cional (PEC) 370 é fundamental, porque se essa emenda passar, será o primeiro passo para a privatização das universidades. Também vamos encaminhar ao Congresso uma proposta de lei de mensalidades que, na verdade, é um pouco mais do que isso, é uma lei geral do ensino privado, porque trata também do ensino e da democracia nas universidades. Vamos continuar combatendo o provão, justamente porque defendemos a avaliação das universidades e vamos apresentar uma proposta, elaborada em conjunto com reitores e

comunidade acadêmica. Mas o principal e urgente desafio da UNE é contribuir para construir essa frente ampla contra o governo FHC, porque todas as nossas propostas só poderão ser implementadas por um outro governo. O próprio ministro Paulo Renato afirmou que, se a UNE discorda da política educacional que ganhe as eleições e indique o ministro da Educação.

Classe - Mais de 50% dos delegados presentes ao Congresso da UNE eram identificados com a UJS. Agora, na formação da chapa, a UJS indicará quatro em 11 que formam a Executiva e 19 em 51 que fazem parte da diretoria. Porque?

Cappelli - A UJS está de parabéns. Dá grande prova de maturidade política, porque a sua vitória não passa por esmagar outras forças, e sim pela legitimação de sua política. Quando abrimos espaço para a participação de todas as forças estamos fazendo um grande esforço para construir a unidade. Não temos apenas o discurso. Deixamos na prática que o nosso interesse é de construir uma frente ampla.



A Comissão Política do Comitê Central do PCdoB reuniu-se no dia 14 de julho, quando discutiu, dentre outros pontos de pauta, os trabalhos envolvendo o Congresso do Partido. Foi aprovada a resolução que publicamos a seguir

9º Congresso, esforço concentrado na reta final

Apenas 45 dias nos separam da data máxima (31/08) estabelecida pelo Comitê Central para a realização das Conferências Estaduais do 9º Congresso do Partido. Podemos dizer que mais uma fase da preparação foi vencida: debates, seminários e cursos sobre os temas do Congresso foram e continuam sendo realizados em muitos Estados, os projetos de resolução foram amplamente distribuídos, a programação da mais ampla mobilização possível do coletivo partidário foi feita por todos os Comitês Estaduais. Em alguns Estados a discussão do Congresso tem servido como fator de retomada e reanimação do trabalho do Partido. Vários Comitês Estaduais reavaliaram para cima suas metas de mobilização dos filiados.

Pode-se afirmar que há espaço favorável para discutir e enriquecer o Projeto de Resolução Política, e interesse para aprofundamento dos problemas relativos à construção partidária. Tanto é que vem crescendo o número de artigos para a Tribuna de Debates do 9º Congresso.

Neste quadro positivo de intensificação da atividade do Partido, aparecem também algumas dificuldades, entre as quais sobressai o atraso no cumprimento do calendário estabelecido cuja consequência é um grande acúmulo de Assembléias de Base e sobretudo de Conferências Municipais para o período da segunda quinzena de julho e primeira quinzena de agosto.

Em outras palavras, poderia ser dito que foi feita uma razoável divulgação interna do 9º Congresso, mas que está faltando "amarração", concretização do processo na estrutura intermediária do Partido. Como o tempo é curto e há muito o que ser feito, deduz-se ser necessário um grande esforço do coletivo partidário, para conseguirmos êxito nesta fase de preparação do Congresso.

Em termos práticos isto quer dizer que o avanço do processo do 9º Congresso nos Estados depende em primeiro lugar do esforço concentrado dos quadros para a realização exitosa das Conferências Municipais. Qual-

quer dispersão ou afrouxamento neste sentido pode prejudicar o resultado final.

Além de todo este processo de mobilização e discussão, outras importantes questões se impõem:

1 - conclusão do cadastramento informatizado de todos os participantes na base;

2 - levantamento das finanças específicas para os gastos com as viagens dos delegados até São Paulo e a taxa de inscrição dos delegados ao 9º Congresso;

3 - incentivar a participação na Tribuna de Debates.

Enfim, chegou o momento de todo o Partido se voltar para a realização das Conferências Municipais e Estaduais, visando o êxito do 9º Congresso.

São Paulo, 14 de julho de 1997

A Comissão Política do Comitê Central

A realidade do hoje

Lúcia Margarida Carvalho de Melo*

Você é importante na edificação do socialismo? A sabedoria chinesa diz que o exemplo vale mais do que mil palavras. Todo comunista é líder. O líder é respeitado, o chefe é obedecido. Os partidos burgueses têm donos, têm caciques, têm chefes. O Partido Comunista tem líderes. As diferenças não se restringem à ideologia. O Partido Comunista se destaca dos demais pelo comportamento exemplar dos seus militantes.

Segundo os clássicos, o partido é a força decisiva da revolução na construção do socialismo. Nós sabemos que o partido não pode ser apenas uma sigla, uma bandeira, um prédio ou um símbolo; ele é muito mais do que isso; é composto de pessoas. Então, você e eu, que somos comunistas, somos líderes, somos militantes, somos o partido e por conseguinte: somos a força decisiva da revolução na construção do socialismo!

Pelo entendimento de Marx e de Engels, só um partido armado de princípios revolucionários pode ser intérprete e condutor de mudanças. Não basta a simples existência, o partido tem que reunir características indispensáveis ao cumprimento de sua missão histórica. Coube a Lênin desenvolver, pela primeira vez, a teoria do partido dirigente da classe operária, em aliança com os camponeses, vir a ser o instrumento insubstituível para a vitória revolucionária.

É Lênin quem ensina que a unidade da vontade e da ação são requisitos indispensáveis nas fileiras partidárias. Aqui vale salientar que não estamos falando de unanimidade, muito menos de falsa unidade comum aos parasitas. O verdadeiro partido não é uma frente única de diversas correntes com objetivos

limitados. Em 1912, na Conferência de Praga, dá-se o rompimento definitivo entre os revolucionários bolcheviques, liderados por Lênin, e os mencheviques, que nada mais eram do que uma corrente pequeno-burguesa oportunista.

Haveremos de estar sempre alertas na defesa do partido. Na atualidade, por vezes, ocorrem dúvidas que precisam ser eliminadas rápida e enfaticamente. Por exemplo:

a) Os critérios adotados pelo partido, na escolha dos candidatos a cargos eletivos, têm sido aplicados corretamente?

b) Depois de eleitos nossos parlamentares, será que os comitês regionais têm realmente dirigido seus mandatos, conforme os Estatutos?

c) Será que o coletivo partidário tem sido ouvido, com regularidade, nas decisões que lhes competem? Se as respostas forem "sim", estamos de parabéns. Se houver um "não", precisamos corrigir o rumo.

Outro ponto que merece nossa análise é o pouco compreendido centro único de direção: nós sabemos que a pequena burguesia acha o centralismo democrático um erro histórico, aceitam-no só na aparência, pois é incompatível com o liberalismo social-democrata que ela pratica. Mas, por outro lado, será que não existem dirigentes que querem impor seus interesses e opiniões, utilizando o que consideram "centralismo democrático", na tentativa de submeter e subjugar as decisões que devem ser coletivas? Isso acontecendo, seria um autoritarismo inaceitável?

O exemplo de direção que garante perfeita sintonia entre líderes e liderados é o poder de escutar. O líder escuta. O líder faz boas perguntas. O líder conhece as pessoas, interage com elas, nunca se coloca acima de ninguém, fala com

todo mundo, ouve com atenção a todos, pois é esta a melhor forma de mostrar respeito e consideração aos outros. A pessoa humana gosta de ser escutada e sempre reage bem àquele que a escuta. Em muitos casos, ouvir é a maneira mais eficiente de conquistar alguém para nosso modo de pensar. O líder não pensa pelos outros, ele faz os outros pensarem. Você pode convencer com o poderoso instrumento das orelhas.

Hoje vivemos um momento em que o amor pelo estudo, pelo trabalho e o desejo de executar bem as tarefas tornam-se imperativo moral, em contraposição à arrogância argentária; liderar significa envolver os camaradas, estimulando-os, lançando-lhes desafios, solicitando-lhes as idéias, tratando-os como nossos iguais, ativos e valiosos, reconhecendo seu trabalho, elogiando seus pontos fortes, mostrando-lhes como as falhas são fáceis de corrigir, sem jamais dizer-lhes que erraram, pois ninguém aceita a condição de "estar errado", é humilhante. Deveremos, sim, indiretamente, chamar a atenção com respeito e simpatia, afinal, aprendemos com os nossos erros e crescemos com os nossos acertos.

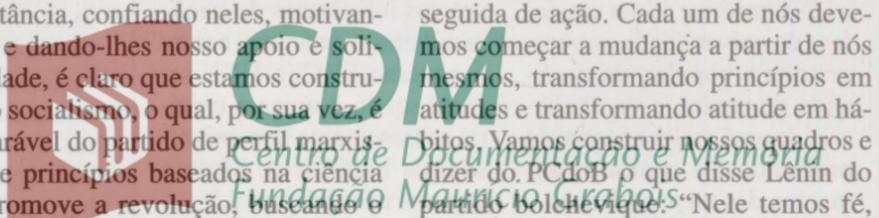
O partido não é formado por pessoas? Formando pessoas, se constrói o partido, não é verdade? Há um século e meio a classe operária se empenha em forjar seu partido de vanguarda.

Cuidando dos camaradas, dando-lhes importância, confiando neles, motivando-os e dando-lhes nosso apoio e solidariedade, é claro que estamos construindo o socialismo, o qual, por sua vez, é inseparável do partido de perfil marxista e de princípios baseados na ciência que promove a revolução, buscando o progresso, a justiça e o bem estar social. É o indivíduo que não está interes-

sado nos outros que tem as maiores dificuldades de ser feliz e provoca o fracasso de empreendimentos; são tais indivíduos que causam as tragédias da humanidade, recorrendo às drogas, à corrupção e outras mazelas típicas do egoísmo capitalista. É por contradizer essa ilusão enganosa que a ideologia socialista se impõem. Os comunistas têm uma vida plena, uma existência útil, uma causa nobre para defender; são pessoas alegres, entusiásticas, honestas e dispostas, porque sabem exatamente o que querem e acreditam num futuro radioso.

A internacional diz no seu primeiro verso: - "De pé ó vítimas da fome" - este é mais um dos segredos da nossa força. Nós sabemos que algumas reivindicações populares são inegociáveis e que precisam ser respeitadas, embora no regime capitalista não seja assim; por exemplo: o acesso à alimentação é um direito humano básico. Sem ele não podemos nem mesmo discutir os demais, pois sem alimentação adequada, tanto do ponto de vista de quantidade como de qualidade, não há direito à vida. Sem alimento, não pode haver direito à humanidade, entendida neste grifo como direito à riqueza material, espiritual, científica e cultural produzida pela espécie humana.

Os marxistas-leninistas ensinam que só pode haver um partido revolucionário, havendo uma teoria revolucionária seguida de ação. Cada um de nós devemos começar a mudança a partir de nós mesmos, transformando princípios em atitudes e transformando atitude em hábitos. Vamos construir nossos quadros e dizer do PCdoB o que disse Lênin do partido bolchevique: "Nele temos fé, vemos a inteligência, a honra e a consciência de nossa época."





Partido - questão chave

Ana Rocha*

Considero que o 9º Congresso está colocando a discussão do Partido em novo patamar. Embora estejam em foco ajustes organizativos, métodos de direção e novas feições condizentes com os doze anos de legalidade e ampla influência política e social institucional alcançada pelo PCdoB, o centro da questão é a reafirmação do seu papel fundamental como partido revolucionário, como garantia para que o caminho rumo ao objetivo socialista seja trilhado no Brasil e tenha um desfecho consequente. Só sob essa ótica é possível enfrentar o desafio do maior crescimento do PCdoB e avançar para a hegemonia de uma corrente revolucionária no Brasil.

Torna-se necessário compreender que a subestimação do Partido, de sua força organizada, em última instância, é a subestimação da batalha revolucionária. É a acomodação diante das dificuldades para se chegar ao alvo pretendido que empurra para o descompromisso com o projeto coletivo e um assento nos projetos individuais, às manifestações de liberalismo e arrefecimento da militância.

Travar a luta ideológica hoje, afirmar a perspectiva socialista, embasar-se nos princípios sem restringir as fileiras partidárias e seus espaços políticos, institucionais e sociais é um desafio presente neste período de legalidade e defensiva revolucionária.

Antes de mais nada somos um partido político, com rumo, antagônico ao capitalismo, organizado, coesionado

para melhor enfrentar os adversários e atingir seu objetivo programático. Sua afirmação ideológica sólida passa necessariamente pela provação nos embates de classe. Pois ser firme ideologicamente em tese, fora das entidades de massa, do parlamento, das lutas e das batalhas políticas e eleitorais, das pressões e cobranças advindas do contato com as massas, é uma firmeza que pode se esboroar na primeira dificuldade. O PCdoB existe para agir politicamente, influir nos resultados, tornar-se uma verdadeira e real força política. A legalidade tirou os anteparos da ação dos comunistas. Quanto maior sua visibilidade, a ação ofensiva de seus dirigentes e militantes em diversos níveis e em todos os campos de atividade, melhor e maior será o crescimento de sua influência política como contraponto às idéias reacionárias e à avalanche da mídia enganosa. Tendo a política como carro chefe, o planejamento da ação deve considerar o posicionamento dos quadros, a incorporação de novos filiados e os níveis diferenciados de militância. O conhecimento do alcance de uma ação e do papel que cada um tem a cumprir é fundamental à dinamização da militância. Por outro lado, como já dizia Arruda, os pequenos parafusos da máquina partidária são imprescindíveis e seu valor não pode ser menosprezado. Assim como o valor das lideranças públicas não pode ser absolutizado.

A definição da pauta do Congresso, de discutir uma tática, ou seja o caminho de aproximação do objetivo estratégico, expressa a correta compreensão

de que o Partido só crescerá e imprimirá sua marca para o avanço da realidade brasileira, se propuser saídas políticas para os intrincados problemas atuais da sociedade. E que é no enfrentamento político, com resultados positivos para o avanço da luta do povo, que ele estará em melhores condições de enfrentar as pressões ideológicas de negação do papel do Partido. É bom ter em conta que as derrotas políticas trazem à luz muitas debilidades ideológicas que permeiam o coletivo partidário e também revelam a capacidade dos quadros de reagir em condições adversas. Não há dúvida que quando a correnteza está a favor, muitos ousam navegar e chegar a seu objetivo. Mas quando as águas estão revoltas, muitos não ousam navegar e muitos outros abandonam o barco à sua sorte. Muitas vezes, o mar está adverso, como no momento de ofensiva reacionária e neoliberal no mundo e no Brasil. Mas se tem uma direção firme que traça uma rota para enfrentar as contracorrentes, e define operações de salvamento, muitos mais ousarão se lançar ao mar. Isso, a meu ver, é o que pretende fazer o 9º Congresso do PCdoB.

Todos estamos chamados a traçar um caminho para enfrentar a tormenta neoliberal e a aprumar o guia para efetuar a travessia e chegar ao mundo novo pretendido. O maior envolvimento na elaboração desse caminho será uma das garantias de que muitos mais conhecerão a rota e ousarão enfrentar o desafio. Tendo a bússola aprumada, poderemos fazer os ajustes necessários, limpar os resíduos de uma prática clandestina ul-

trapassada para este momento de legalidade, extrair das experiências socialistas práticas renovadas de construção e funcionamento partidário. Mas nunca perder de vista que renovar é ser capaz de dar respostas às novas situações. É ter presente as mudanças, é estar afinado com a realidade, é promover a assimilação da teoria marxista-leninista à luz dos embates de idéias que ocorrem na sociedade e como guia para a ação concreta.

Foi nessa trilha que ocorreu a formação de um núcleo de direção marxista-leninista, um dos pilares fundamentais dos êxitos do PCdoB até o momento. Ele só será preservado, ampliado e consolidado, se junto à atuação no curso dos acontecimentos políticos, o processo de assimilação da teoria marxista-leninista pelo coletivo partidário for num crescendo e houver redução da distância entre o crescimento da influência política e o ideológico e organizativo; passa necessariamente por um investimento ofensivo e eficaz de formação dos quadros e militantes, que terá efeitos surpreendentes no nível ideológico e de vitalização da militância política. Com esse reforço teremos mais garantia de crescer como partido da classe operária e de todos os oprimidos, independente das pressões e ideologia do grande capital. Como partido que enfrenta cada batalha, cada vitória e cada derrota, sob o prisma do objetivo que o caracteriza, o de construir um Brasil socialista.

*Do Comitê Central, presidente do PCdoB-RJ

A necessidade do partido comunista

Francisco Nelson dos Reis*

Ao final do século vigente e início do novo século que é, ao mesmo tempo, o início de um novo milênio no calendário da civilização ocidental, aviva-se uma era de difíceis condições materiais, no sentido social, que nos faz conjecturar, numa concepção pessimista e, nem por isto pouco realista, de um destino de morte para a maioria da humanidade, projetados pelos altos escalões da inteligência capitalista, já devidamente analisados e condenados pela capacidade suprema do maior espírito socialista científico de todos os tempos, que foi, justamente, Karl Marx.

Está em curso, diariamente, a perda da liberdade de subsistência da classe trabalhadora pela ação avassaladora do sistema capitalista monopolista, que, sistematicamente, passa o controle da riqueza social aos grupos empresariais, os quais são cada vez mais reduzidos. A situação é ruim com o constante aumento das massas proletarizadas lançadas à sarjeta, onde disputam, desesperadamente, com os ratos e as baratas, os lixos sempre maiores que a burguesia produz. Em todo o mundo cresce a desconfiança da humanidade em relação ao seu futuro. O proletariado nunca esteve tão inseguro em rela-

ção ao dia de amanhã. Na história universal moderna recente dos operários e camponeses o que se contabiliza, ironicamente, é a sobra de mês no fim do salário, como dizia um ilustre professor da UFRRJ. As condições precárias de subsistência do povo carrega-o ao desvelamento dos valores espirituais, à degradação da ética e à corrupção moral. Cresce a prostituição, o desrespeito à vida, a ignorância e com ela o apego a filosofias supersticiosas e metafísicas para explicar a situação desta tétrica existência.

O Brasil é o retrato, em preto e branco, das conseqüências que a famigerada globalização capitalista tem ocasionado. Globalizar, em termos práticos, tem significado, para nós brasileiros e o terceiro mundo em conjunto, exportar matéria-prima e, ocasionalmente, bens de curta duração, ao passo que importamos em grau cada vez elevado pacotes tecnológicos. Importamos trabalho e exportamos mais valia. Exportamos proteínas e importamos fome e miséria... Nosso povo tem expectativa de vida curta, tem poucos dentes mas muitas cáries, mas, sobretudo, esperança de uma vida melhor.

A realidade é um processo contínuo de mudanças, um eterno perseverar de início, meio e fim, uma sucessão de fenômenos estando o homem relativa-

mente ao centro, se assim considerarmos. Numa palavra, a realidade é dialética, como bem assinalou Lênin. Assim sendo, podemos assegurar que a realidade é um composto dinâmico em permanente movimento. O que ora é farto, logo pode ser escasso; o que é concentrado agora, depois pode ser disperso etc.

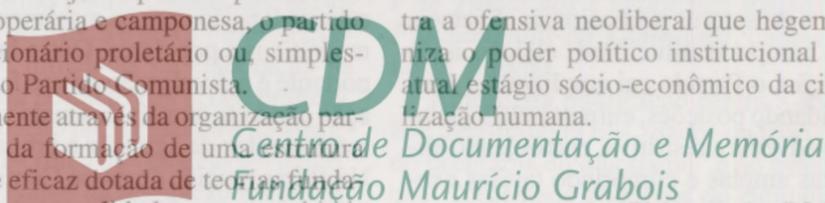
Se passarmos esta concepção às condições reais, objetivas do sistema social atual, podemos aceitar que o povo tem razão em ter esperança, o que é espiritualmente necessário para se produzir as profundas modificações nas relações de produção econômica existentes, de forma a atender, justamente, do ponto de vista democrático-popular aos anseios das massas produtivas do sistema.

Mas, além de esperanças, o que mais devemos cultivar para tal feito? Onde está a resposta? Para nós, materialistas históricos, modestia à parte, só pode existir uma, anunciada por Marx & Engels, qual seja: o partido político da classe operária e camponesa, o partido revolucionário proletário ou, simplesmente, o Partido Comunista.

Somente através da organização partidária, da formação de uma direção sólida e eficaz dotada de teorias fundamentadas na realidade concreta objetiva para comandar e controlar as deci-

sões referentes aos fins políticos objetivados pelo povo, é que, teoricamente, poderemos vencer a perversidade do capitalismo e construir uma nova nação, que atenda, efetivamente a todas as esperanças ansiadas pelo povo, criando novos valores e novas relações entre os seres humanos. Para que haja triunfo em seus objetivos, o Partido deve ser o cérebro, as veias, a força e a aceleração da consciência das massas. Como a luta de classes é o motor da história, o Partido deve ser o limite da consciência transformadora, o exemplo mais sincero dentro da luta pelo socialismo. O Partido deve ter a compreensão nítida de cada momento político que se apresenta conjuntamente na sociedade para o conjunto da classe explorada, revelando sua importância, planejando as tática e as ações que representem impulso para o avanço da luta pela conquista da liberdade e da democracia classista.

É assim que concebo o Partido que busca orientar a luta e o movimento contra a ofensiva neoliberal que hegemoniza o poder político institucional do atual estágio sócio-econômico da civilização humana.



*Dirigente do PCdoB Barra Mansa-RJ



Salto na construção partidária

Carlos Augusto Diógenes (Patinhas)*

Além de ser um momento de amplo exercício da democracia interna, de eleição em todos os níveis das direções partidárias desde as bases até o Comitê Central, o 9º Congresso, pela atualidade dos temas em debate, está chamado a jogar um grande papel na luta revolucionária do nosso povo. O 8º Congresso discutiu a crise do socialismo sob o forte impacto da queda do Muro de Berlim. Extraiu lições das primeiras experiências de construção do socialismo, convocou uma conferência extraordinária, realizada em 95, que definiu nas suas linhas mais gerais um Programa Socialista para o Brasil. No 9º iremos discutir a tática política para fazer frente à ofensiva neoliberal existente no país, como também a construção do partido necessário para aplicar esta tática.

Faço um certo paralelo deste Congresso com a VI Conferência realizada em 66, quando traçamos a política que nos norteou em todo o processo de luta contra a ditadura militar. O 9º Congresso tem significado não somente para o nosso Partido, mas para a esquerda em geral e para a luta de nosso povo como um todo. Os dois temas em discussão (a tática e o Partido), aparentemente desvinculados, fundem-se na verdade num só. **Trata-se de responder qual o partido dotado de qual política** será necessário para deter a onda neoliberal e abrir caminho para o nosso objetivo socialista. O êxito da nossa tática está vinculado ao avanço na compreensão e construção na prática do partido necessário para este momento político atual.

O processo do Congresso, dinâmico em si mesmo, envolverá milhares de militantes e quadros em todo o país. Aberto para todos os filiados, será um pólo de aglutinação de pessoas com atuação dispersa, bem como de novos mili-

tantes que se aproximarão, reforçando as nossas fileiras. Nas assembleias de base, conferências distritais, municipais e regionais, serão relacionados e discutidos os êxitos e debilidades existentes na nossa atuação em nível de cada instância, eleitas novas direções e traçadas diretrizes, metas e tarefas para os próximos anos. A soma nacional destas análises e resoluções adotadas em cada localidade será de grande valia e se reverterá, de imediato, num melhor ajustamento do funcionamento partidário, com novas e mais estáveis direções, no crescimento de nossas fileiras, na elevação do nível teórico e ideológico da militância e no reforço de sua unidade interna.

No entanto, a questão do partido não pode ser reduzida às importantes medidas organizativas que serão tomadas em todos os níveis ao longo do Congresso. É necessária a realização de um grande esforço no coletivo partidário para se apreender a essência do debate e aprofundar questões centrais de alto relevo para o processo revolucionário, tais como: o papel decisivo do Partido Comunista na revolução e na construção do socialismo; a compreensão dialética da nossa rica trajetória de 75 anos de luta e preparação do Partido para enfrentar a onda neoliberal e abrir caminho para o socialismo.

O artigo do camarada Amazonas, "A força decisiva da revolução e da construção do socialismo", escrito na *Princípios* e incorporado in totum nas teses, é de grande significado e precisa ser assimilado e desenvolvido no processo de debate. A história mostra a degenerescência de partidos comunistas no mundo, uns no poder e outros fora do poder e, com eles, a derrota temporária do processo revolucionário. Degenerescência até de partidos comunistas com passado de lutas heróicas, como o PUCS, que a partir de determinado momento perdem o seu ímpeto revolucionário, deixam de

solucionar problemas novos colocados pela luta transformadora e terminam ultrapassados pela luta de classes. A idéia central da necessidade do partido como força decisiva da transformação revolucionária, como instrumento indispensável de vanguarda em permanente processo de construção e de desenvolvimento, de integração cada vez maior com os sentimentos revolucionários dos trabalhadores do campo e da cidade, com capacidade de desenvolver a teoria marxista-leninista, dando respostas criativas aos novos problemas, é de grande valor e significado para a luta socialista em todo o mundo. É fundamental avançar na compreensão desta questão que está colocada na ordem do dia pela pauta do Congresso, precisando ser intensamente debatida, assimilada e aplicada no dia a dia da prática partidária.

A trajetória de desenvolvimento do nosso Partido nestas sete décadas e meia precisa ser tratada e compreendida, relacionada com o desenvolvimento sócio-econômico da sociedade brasileira, de sua classe operária, do campesinato e sua intelectualidade progressista e, em interação com as lutas democráticas, nacionais e populares desenvolvidas no Brasil. Trajetória de um Partido que surge em 22, num país atrasado, com pequena presença operária, sem domínio da teoria marxista, com dificuldades no entendimento do significado da luta política travada naquela época, mas que foi capaz de vencer enormes dificuldades, truculentas repressões, intensa onda de liquidação impulsada pelo poderoso PCUS sob o comando de Nikita Krushev, e capaz de reorganizar-se em 62, entrando numa fase superior de sua construção ao incorporar e expressar o pensamento marxista-leninista já existente em nossa sociedade.

A trajetória de 62 até os dias atuais é cheia de ensinamentos. Desde como o nosso Partido enfrentou a ditadura mili-

tar, organizou a heróica Guerrilha do Araguaia, da sua luta contra o revisionismo contemporâneo, da atuação no final do regime militar, até os seus doze anos de legalidade, a defesa do socialismo científico e a análise crítica das primeiras experiências socialistas; constituem um rico patrimônio que precisa ser assimilado, enriquecido e valorizado. Hoje temos uma atividade política e de massas bastante diversificada (parlamento, cargos em executivos, sindical, estudantil, comunitário, movimento de mulheres, de negros etc.), temos relacionamento democrático com variados setores da sociedade, respeitabilidade crescente e vamos formando uma nova geração de quadros comunistas, com uma compreensão mais ampla e profunda dos problemas da revolução. A análise de tal trajetória ganha destaque à medida que compreendemos que neste processo permanente de 75 anos de construção partidária sobressaem-se elementos que definem o contorno da nossa identidade comunista, intrinsecamente relacionada com a luta e cultura do nosso povo. A marca do combate ao capitalismo, da defesa do socialismo associada à defesa das liberdades democráticas, da soberania nacional, das conquistas sociais, a marca da defesa da unidade do nosso povo em luta contra suas elites, da coerência e combatividade sem tréguas mesmo nos momentos mais difíceis, constitui a linha mais geral do perfil dos combatentes comunistas no Brasil. Os pronunciamentos de personalidades convidadas nas recentes comemorações do nosso 75º aniversário atestam estes e outros aspectos da nossa marca de atuação. Debater e aprofundar esta análise nos dará uma dimensão mais exata do papel que poderemos jogar no cenário político, o quê será assunto para um próximo artigo.

*Presidente do PCdoB - CE

Construir um sistema de propaganda

Pedro de Oliveira*

O documento em debate do nosso 9º Congresso sobre o Partido se refere topicamente às vicissitudes de nossa propaganda, o que deverá ser aprofundado. Apesar de navegarmos sob o impacto de uma onda anticomunista poderosa e multilateral jamais vista, no mundo e no Brasil, a vida tem dado mostras concretas do crescimento paulatino e sustentado da influência política do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB. Em algumas frentes, esse fenômeno é mais nítido, como no movimento juvenil e mais especificamente entre os estudantes. Mesmo nas lides sindicais, a corrente classista finca suas bandeiras em várias categorias importantes da classe operária, dos trabalhadores da área de serviços e de setores profissionais diversos. No campo institucional, eleição após eleição, o Partido vai ampliando e consolidando posições, enfrentando legislação adversa e restritiva, entabulando alianças amplas e cumprindo tarefas executivas estaduais e municipais. Em frentes de trabalho específicas, como a da

saúde, a contribuição na elaboração de políticas setoriais e de propostas sintonizadas com o movimento de massas faz do Partido uma referência indispensável.

No plano teórico, a análise sistemática que o PCdoB vem fazendo já há algum tempo sobre a caracterização da crise do socialismo, e a relação íntima entre a crise estrutural do sistema capitalista e sua política neoliberal em curso, capacita os comunistas a estabelecerem intenso debate com a intelectualidade progressista, para encontrar os caminhos da resistência e da acumulação de forças rumo a uma sociedade sem exploração do homem pelo homem.

Um dos fatores essenciais responsável por essa situação é a justeza da linha política tática e estratégica do PCdoB, aplicada por homens e mulheres, militantes, filiados e quadros partidários, em estreita ligação com os movimentos democráticos e populares. Outro fator importante é a divulgação que se faz dessa ação concreta através dos mais variados instrumentos de agitação e propaganda. Na última reunião do nosso Comitê Central, o balanço feito demonstrou que mensalmente o Partido distribui cerca de

256 mil exemplares de materiais impressos, sem contar as inúmeras páginas na rede mundial da Internet que já estão em operação em vários Estados. É preciso que se diga que estes números são absolutamente insignificantes diante das necessidades atuais.

À medida que os intentos da política neoliberal de FHC vão sendo desmascarados – hoje em dia estão se reduzindo aqueles setores mais conscientes que acreditam que o PSDB tenha algo de novo a apresentar para solucionar os candentes problemas brasileiros – começam a se estruturar movimentos, organizações e instrumentos de propaganda interessados em resgatar o marxismo, dentro de uma visão nem sempre materialista e dialética. Setores radicalizados de esquerda tentam galvanizar a atenção das massas sob brutal exploração, propondo estratégias e táticas sem levar em conta a relação de forças existente. É nesse quadro que se impõe uma ação dos revolucionários no sentido de desenvolver e mobilizar os setores mais avançados da classe operária e da intelectualidade progressista. Para isso é imprescindível o fortalecimento de nossa propaganda

revolucionária, encarada como um sistema integrado onde os diversos instrumentos que temos à mão se interajam, uns fortalecendo os outros, cada qual cumprindo suas tarefas, desde a assessoria de imprensa até os órgãos centrais.

Nossa revista teórica vem se destacando na análise pioneira do projeto neoliberal em aplicação no Brasil. Onde consegue chegar angaria apoio e admiração, em que pesem deficiências editoriais na elaboração de materiais de informação política mais variada e de pesquisas sobre a realidade brasileira e internacional. É, entretanto, pequeno o trabalho que se realiza com a revista junto às universidades, escolas secundárias e técnicas. A rede de distribuição é restrita e a divulgação ainda insuficiente. Os Comitês Estaduais – são raras as exceções – pouco organizam a divulgação e a distribuição da revista, mesmo entre os próprios filiados, militantes e amigos. O mesmo se poderia dizer em relação aos materiais da Editora que devem ser pagos com regularidade para que possamos insistir em novas publicações, livros e materiais de propaganda.



O órgão nacional *A Classe Operária* recebeu grande injeção de ânimo agora nesta fase de preparação do nosso Congresso. Mais camaradas e colaboradores amigos têm contribuído para o nosso jornal, mas ainda é precário o fluxo de informações e análises dos Estados. A cobrança tem que ser diária para elaborar cada edição. Somente poderemos manter a regularidade do jornal pós-Congresso se houver efetivo trabalho de venda e coleta de assinaturas que permita a regularidade de sua circulação. A novi-

dade bem recebida é o boletim semanal *Leia e Repasse*, que a cada semana amplia sua listagem de fax e e-mails com análises de conjuntura curtas que possam servir de referência para inúmeros outros materiais nos Estados.

A potencialidade do trabalho com vídeos institucionais e de formação é muito grande. Constatamos essa possibilidade com o último que elaboramos, sobre os 75 aniversários do Partido. Foi a maior quantidade de vídeos que vendemos no Partido de maneira centrali-

zada, nesta fase de legalidade.

Por fim, precisamos destacar a necessidade do trabalho permanente com os materiais partidários, bastante precário, especialmente em relação ao *Programa Socialista* do PCdoB, pouco divulgado, pouco discutido e pouco desenvolvido em vários aspectos.

Deveríamos conceber o trabalho de fortalecimento de nossa propaganda de forma cada vez mais organizada e sistemática. O campo é favorável. A pesquisa do Ibope, elaborada a pedido do

PPB, mostra o apoio ao socialismo e ao comunismo em níveis próximos de 50% dos entrevistados, mesmo que difuso e pouco claro. É uma necessidade urgente elevar o nível de nossa propaganda a um estágio superior, tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da apresentação plástica nas mais variadas expressões da arte. Voltaremos a analisar cada um dos aspectos desse sistema de propaganda.

**Do Secretariado do Comitê Central*

O socialismo é possível

Marcelo Ramos*

“Os holandeses cortam o tendão de Aquiles do escravo que foge pela primeira vez, e quem insiste fica sem a perna direita; mas não há jeito de evitar que se difunda a peste da liberdade no Suriname.” Eduardo Galeano

Enganam-se os que dizem que o socialismo morreu e é ultrapassado. O socialismo vive e é um recém nascido, pois enquanto esse sistema tem uma experiência de pouco mais que 70 anos, desde a gloriosa revolução bolchevique de 1917 até a queda da União Soviética e do Muro de Berlim (símbolo da derrocada do socialismo no Leste europeu) com a política reformista (Perestroika, Glasnost) dos traidores da revolução, o capitalismo já acumula séculos sem conseguir responder às necessidades básicas da humanidade. Velho não é o socialismo. Velha é a exploração do trabalho, a fome, a escravidão, as guerras, enfim todas as mazelas criadas pelo sistema capitalista de exploração do homem pelo homem, onde o homem é o lobo do homem, nos dizeres de seus próprios teóricos, e aguçadas pela fase mais nefasta desse sistema que é o atual neoliberalismo.

Podem até ter-nos cortado o tendão de Aquiles, com a derrota do socialismo na URSS e no Leste europeu, ou mesmo a perna direita, com a confusão política e ideológica causada por estes fatos nas fileiras comunistas, mas a peste da liberdade sobrevive com as lições retiradas, as críticas aos erros cometidos e a reafirmação de princípios fortalecendo os ideais socialistas.

A experiência do socialismo real ruiu com a degenerescência dos Partidos Comunistas que outrora haviam comandado a revolução, fruto de alguns desvios políticos e ideológicos que passaram a orientar o partido de forma revisionista,

principalmente, a partir do período de Kruchoy. O primeiro e mais importante destes desvios foi o abandono do materialismo-dialético como instrumento teórico e filosófico de análise da realidade concreta, o que levou o Partido Comunista da URSS a tomar posições idealistas como a de afirmar que as classes sociais haviam sido extintas e portanto este país estava às portas do comunismo.

Outro equívoco importante foi o dogmatismo com que passaram a ser tratados os ensinamentos de Marx, Engels e Lênin, o que impediu a direção do PC soviético de responder às expectativas da revolução e do povo soviético, ignorando a história, a cultura e os sentimentos do povo e portanto afastando o partido das massas, o que gerou uma burocratização do núcleo dirigente do partido que deixou de ser a vanguarda dirigente do processo revolucionário de construção do comunismo e passou a ser uma casta de privilegiados que já não expressavam em suas ações os anseios do povo.

Estes equívocos teóricos, políticos e ideológicos geraram uma grande confusão entre Estado e partido, onde já não era possível distinguir estes dois entes inconciliáveis pelo papel que cumprem na sociedade, mesmo na socialista. Onde o partido, como o Estado burguês, passou a ser uma entidade superior e desligada das massas. Lênin na obra *O Estado e a revolução* esboça as bases de uma teoria geral do Estado socialista, afirmando que o grande equívoco cometido pelos partidos burgueses é que estes tentam transformar, reformar o Estado burguês, enquanto que este deve ser destruído, dizimado. Na verdade os revisionistas se incorporaram de “corpo e alma” na forma de Estado burguês e tentaram adaptá-lo a nova realidade de Estado socialista, ao invés de caminhar para a extinção e substituição pelo Estado verdadeiramente socialista que é a ditadura do proletariado.

A despeito de todos os equívocos, a experiência da URSS e do Leste europeu do século XX nos deixou uma grande lição, que deve a todo momento renovar o espírito revolucionário de todos os comunistas, a de que o socialismo não é um sonho, uma utopia, uma ilusão. O socialismo é possível. É atual. É o futuro. É a peste da liberdade.

Esta autocrítica dos erros históricos do movimento revolucionário internacional tem servido de ensinamento para o PCdoB, sempre vindo acompanhada da reafirmação de nossos princípios, o que é perceptível desde o Congresso de reorganização de 1962 até os nossos dias e que ganhou grande fôlego com o 8º Congresso em 1992 e com o novo Programa aprovado na 8ª Conferência Nacional em 1985, onde o PCdoB, diante de uma grande onda de capitulação, reafirma princípios com a insígnia “O Socialismo Vive!” e propõe um projeto de construção do socialismo adaptado à realidade brasileira com o *Programa Socialista*.

É certo que o atual programa do PCdoB consegue ser moderno, sem renegar princípios, e sem ignorar as diferenças que existem entre fazer a revolução na Rússia czarista, na China, na Albânia e no Brasil. Por exemplo, tomar o poder na Rússia czarista era tomar os palácios dos czares, pois o Estado (questão fundamental na construção do socialismo) era um ente concentrado nas cortes. Hoje, não basta tomarmos Brasília para dizermos que o socialismo já triunfou no Brasil, pois o Estado burguês evoluiu e hoje é um “plasma” que mesmo que não possamos ver está enraizado em todas as atividades da vida do povo. Também, por conta da questão da tomada do poder político, evoluímos da idéia de revolução em duas etapas, antes transposta de forma dogmática da Revolução Bolchevique de 1917, para propormos o caminho imediato para o socialismo com a tomada do poder pelo proletariado, única classe ver-

dadeiramente revolucionária. Esse novo Estado socialista proposto pelo Programa do PCdoB foge de modelos pré concebidos (como já foram o da URSS ou o da Albânia) para buscar um caminho próprio que leve o povo brasileiro a uma nova sociedade.

O programa aprovado na 8ª Conferência retoma o materialismo dialético, reafirma os princípios revolucionários da organização de vanguarda, do centro único e da unidade de vontade e de ação dos combatentes proletários (*Documentos do 9º Congresso do PCdoB*), além de apresentar um caminho para o socialismo no Brasil. Essa nova proposta tem como alicerce a realidade concreta do nosso país e do nosso povo, a tradição histórica, cultural e a capacidade de absorver os sentimentos do nosso povo, o que tem sido instrumento fundamental para elaboração de um programa que encontra-se dialeticamente em construção para que consiga expressar o pulsar do coração do povo brasileiro.

Nesse quadro coloca-se ao 9º Congresso o desafio de aprofundar, num esforço coletivo de quadros do Partido, em conjunto com intelectuais progressistas, a análise dos subsídios étnicos, históricos, culturais, políticos e sociais necessários para alicerçar o Projeto de Socialismo que há de triunfar no Brasil.

Eduardo Galeano, falando sobre a luta de resistência na América Latina diria “... e um povo disperso se une e nasce em suas pegadas”. Este é o papel de vanguarda do PCdoB, que em nossas pegadas se organize este povo sedento por liberdade, pois muitos foram mortos no Araguaia, na Lapa, mas a chama da liberdade esta eles nunca conseguiram ou conseguirão apagar, enquanto houver um só homem capaz de se indignar com a fome, com a opressão, com a guerra, o PCdoB estará no comando da luta contra o capitalismo e suas mazelas.

**Da Coordenação Nacional da UJS*

A queda da muralha e a tática não neoliberal - Parte I

Jorge Barreto*

Antes de entrarmos no debate da tática, é preciso retomar, em certa medida, o debate sobre a estratégia à qual esta tática está subordinada.

Em nosso 8º Congresso, rompemos com alguns preceitos esquemáticos, como o da inevitabilidade de duas eta-

pas da revolução em países dependentes ou semi-coloniais.

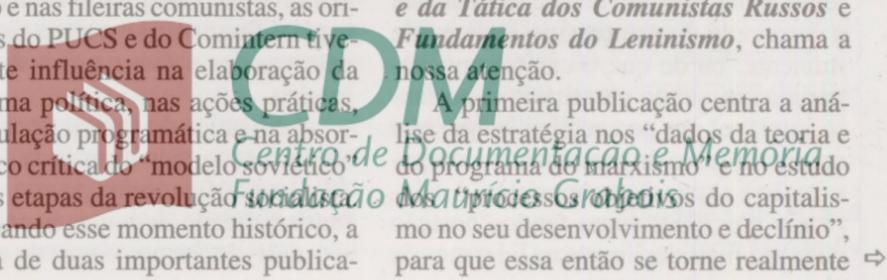
Conforme observamos na história de nosso Partido, o Partido Comunista do Brasil nasce das lutas operárias que atingiram o país de 1917 a 1920, formando-se sob a influência decisiva da Revolução de Outubro. Em um partido novo, num país onde as obras de Marx e de Lênin demoraram longo tempo para se-

rem difundidas nos seio do movimento operário e nas fileiras comunistas, as orientações do PUCS e do Comintern tiveram forte influência na elaboração da plataforma política, nas ações práticas, na formulação programática e na absorção pouco crítica do “modelo soviético” das duas etapas da revolução socialista.

Buscando esse momento histórico, a releitura de duas importantes publica-

ções de Stálin, *A Questão da Estratégia e da Tática dos Comunistas Russos e Fundamentos do Leninismo*, chama a nossa atenção.

A primeira publicação centra a análise da estratégia nos “dados da teoria e do programa do marxismo” e no estudo dos “princípios gerais do capitalismo no seu desenvolvimento e declínio”, para que essa então se torne realmente





uma estratégia marxista. Contudo, não se detém na transição do capitalismo ao socialismo e na **mudança do poder político**.

Já a segunda, tangenciando a questão do poder político, busca justificar as duas etapas para países mais ou menos evoluídos, a partir do exemplo e “modelo” da Revolução Russa, misturando, de maneira confusa, a tática e a estratégia aplicadas pelos comunistas russos em 1905 e 1917, com o que de fato se sucedeu na realidade russa.

Ampliando nossa visão, vemos que, ao reportar-se ao programa do marxismo, a primeira publicação coloca a questão do desenvolvimento e declínio do capitalismo em primeiro plano. Concordando assim que, no caso dos países de capitalismo mais avançado (evoluído), a era das revoluções proletárias estava na ordem do dia. Restava o “quando se daria” a revolução nos países atrasados. Na época de Marx, analisava-se que essas revoluções ainda não haviam amadurecido.

Mas, na época do imperialismo, abria-se a possibilidade da revolução

proletária no elo mais fraco da cadeia. E a Revolução Russa demonstrou isso, num país, como Lênin observava na época, onde: “O capital russo é simplesmente uma sucursal da ‘firma’ mundial que manipula centenas de milhares de milhões de rublos e que tem por nome ‘Inglaterra e França’”.

Só que Lênin alertava também sobre a **questão fundamental** de toda revolução: a questão do poder de Estado. Dizia ele que “Sem esclarecer esta questão nem sequer se pode falar em participar de modo consciente da revolução, para já não falar em dirigi-la.” E analisando a realidade russa (sem elaborar um modelo universal), dizia, após a queda da monarquia feudal czarista (em fevereiro de 1917), que “O poder de Estado passou na Rússia para as mãos de uma nova classe, a saber: da burguesia e dos latifundiários aburguesados. Nesta medida a evolução democrático-burguesa na Rússia está terminada”, justificando a estratégia da conquista do poder pelos operários em aliança com os camponeses, visto a mudança do poder político. No entanto, esta ques-

tão é tratada de maneira superficial e obliqua em *A Questão da Estratégia...*

Já a segunda publicação, sem levar em conta se, em determinado país “atrasado”, ocorreria ou não a revolução democrático-burguesa (na medida de quais classes detêm o poder de Estado), prega as duas etapas, enfatizando não ser preciso demonstrar “que, dentro das condições do imperialismo, dominado por colisões e guerras, dentro das condições do ‘prelúdio da revolução socialista’, em que o capitalismo ‘florescente’ se converte em capitalismo ‘agonizante’ (Lênin) e o movimento operário revolucionário ganha um incremento maior em todos os países”, “num país mais ou menos evoluído, a revolução democrático-burguesa, dentro destas condições, tem de aproximar-se da revolução proletária, a primeira tem que se transformar na segunda. A história das Revolução Russa evidenciou a exatidão e o caráter inconvertível desta tese.”

Desconsidera assim, desta vez, as observações de Lênin sobre a **original dualidade de poderes** e o porquê do

entrelaçamento e proximidade das duas etapas na Rússia. Lênin dizia, em abril de 1917, que a “circunstância extraordinariamente original, que a História não tinha ainda conhecido sob tal forma, conduziu ao entrelaçamento num todo de duas ditaduras: a ditadura burguesa ... e a ditadura do proletariado e do campesinato (O Soviete de deputados, operários e soldados)”, concluindo que “esse entrelaçamento” não está em condições de agüentar muito tempo. Num Estado não podem existir dois poderes”.

Por fim (desta 1ª parte), podemos observar, embora através de frases retiradas dos dois textos citados que ambos, mas, em particular em *Fundamentos do Leninismo*, onde se argumenta não existir uma muralha da China entre as duas fases, “exportavam” (ou ainda exportam) muralhas a curto, médio e longo prazos.

A nossa muralha, nós demolimos em 1992.

Do Comitê Estadual - PCdoB - RJ

Sondando a “globalização”

Haroldo Lima*

O 9º Congresso do PC do B, em preparação, objetiva principalmente assentar as bases de um “projeto alternativo” ao neoliberalismo no Brasil e delinear características e tarefas do Partido nessa situação. Em conseqüência, tenciona avançar na elaboração de um “programa progressista”, que seria o de uma frente anti-neoliberal, e esboçar o perfil de uma agremiação partidária “de princípios, marxista-leninista”, “de feição moderna”, expressão da luta social e disposta ao enfrentamento político até na área executiva.

Para fundamentar as proposições políticas básicas acima referidas, em torno das quais, quando aprovadas, o Partido estará unido, o Projeto de Resolução apresenta uma análise do quadro atual do mundo, em particular do que se tem chamado de “globalização” e do “neoliberalismo”. É tema vasto e candente, sobre o qual tem-se produzido lautos, numerosos e discrepantes estudos. Sem pretensões a produzir uma opinião acabada sobre o assunto, os marxistas devem examiná-lo teoricamente, submetendo-o ao crivo de sua dialética e de seus conceitos, para irem formando um pensamento próprio sobre o mesmo. Os pontos que anoto abaixo pretendem dar mais elementos à reflexão sobre a matéria, ressaltando uma parte da **Proposta de Resolução** que não me parece bem ajustada à realidade em curso.

Parto da opinião de que afirmações taxativas sobre a “patente decadência do sistema capitalista”, sem fartos dados comprovatórios, ou sobre a “crise econômica, crônica e prolongada”, no contexto da parte que trata da “situação internacional”, podem levar à idéia de que a derrocada do capitalismo seria quase iminente, ou de que o capitalismo-imperialismo, sendo parasitário e, portanto, inviável em perspectiva longa, não comporta fases de crescimento, reorganização e expansão temporárias. A referência aos EUA como tendo “posição cada vez mais declinante na liderança da

economia mundial relativamente ao Japão e à Alemanha” não consulta a evolução recente do processo em que os EUA perderam, durante certo tempo, a vanguarda tecnológica industrial, (que já retomam), mas mantém, o que é decisivo, a hegemonia da economia mundial, a partir do seu papel dominante no mundo financeiro, sem falar das vantagens militares e diplomáticas de vencedor da “guerra fria”. Por último, não fica bem caracterizada a identidade e as diferenças da chamada “globalização” atual relativamente ao modelo clássico imperialista.

É antiga a tendência à internacionalização do capital. O “capital mercantil”, nos séculos XV e XVI, já forçava os limites conhecidos do planeta para incorporar novos mercados. Lênin, no início do século XX, apontou expressões diretas do elevado grau então atingido pela internacionalização do capital. A “globalização”, como sinal da internacionalização do capital, não seria portanto novidade.

Também o capital financeiro já caracterizava a fase imperialista do capital desde o início do século XX. O capital rentista, como Lênin mostrou em 1916, já auferia rendimentos maiores que o capital produtivo, sendo essa a base do parasitismo do imperialismo, da sua propensão a crescer fora da produção. A “globalização”, como “domínio do capital financeiro”, tampouco seria novidade, vez que essa própria expressão - “domínio do capital financeiro” - foi usada por Lênin, no início do século, para se referir ao imperialismo.

Por isso é necessário se situar o que tem de novo na “globalização”. Parece certo que se **alterou a dinâmica do capital financeiro, a configuração das grandes empresas e sua relação com o capital financeiro e a situação e perspectivas dos países e povos do mundo inteiro.**

A dinâmica do capital financeiro foi alterada sobretudo a partir da década de 80. O setor financeiro passou a ter alta funcionalidade, a começar pela rápida ascensão de formas novas de acumula-

ção de gigantescos capitais financeiros, como os fundos mútuos e fundos de pensão. Chesnais aponta, além disso, dois mecanismos centrais dessa nova dinâmica, a formação de “capital fictício” (ativos inflacionados), e a transferência de enormes riquezas reais para o setor financeiro, via serviços anuais de dívidas públicas e políticas monetárias. A partir da década de 80, os “investimentos externos diretos” suplantaram o próprio comércio exterior no movimento de capitais, sendo que o IED do setor financeiro foi o mais importante. Utilizando ainda “novas formas de investimento” (aportes de ativos imateriais, licenças, patentes); definindo metas (inflação baixa, liquidez); estabelecendo prioridades do setor produtivo (telecomunicações, mídia, saúde privada) e abocanhando enormes ativos sem aporte significativo de dinheiro (privatizações), o setor financeiro criou nesse final de século formas novas de continuar exercendo, em nível maior ainda, sua hegemonia em escala mundial. Hipertrofiou-se. Em 1992 os ativos financeiros acumulados eram o dobro dos PNBs de todos os países do OCDE! (Chesnais, 244) Por isso, muitos falam em “mundialização ou globalização financeira”.

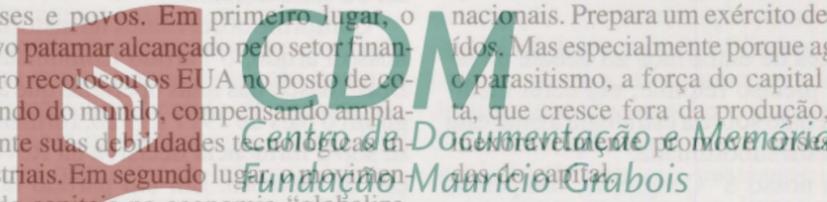
A configuração das grandes empresas também se alterou na “globalização”. Os grandes grupos transnacionais caminham para se organizar em “empresas-rede”, (Chesnais, 33), chamadas por alguns de “multinacionais novo estilo”, que atuam dentro de uma “estratégia global”, realizando “operações complexas”, industriais, de serviços e financeiras. As dimensões desses grandes grupos aumentaram sobremodo também na década de 80.

Mudou também, com a “globalização”, a situação e as perspectivas dos países e povos. Em primeiro lugar, o novo patamar alcançado pelo setor financeiro recolonizou os EUA no posto de comando do mundo, compensando amplamente suas debilidades tecnológicas e industriais. Em segundo lugar, o movimento de capitais na economia “globalizada” é gigantesco mas restrito, ficando de

uma forma geral na tríade EUA, Europa e Japão. Durante a década de 80, mais de 80% de todo o IED foi feito nesse triângulo. Em terceiro lugar, a maré global vem com redobrada agressividade contra o trabalhador, seu emprego, sua organização e seus direitos. E contra a democracia. Em quarto lugar, os Estados nacionais são desrespeitados e negados, na cruzada por abrir suas fronteiras aos produtos do imperialismo “global” e minar suas soberanias. Finalmente, essa “globalização” promove drástico crescimento do fosso entre os países altamente desenvolvidos e os demais. Anteriormente existiam países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, para os quais sinalizava-se uma expectativa de progresso. Hoje, há uma tendência ao abandono de alguns deles. O próprio Banco Mundial já introduziu o conceito de “áreas de pobreza”, para se referir a continentes, países ou espaços dentro de países que, do ponto de vista da “globalização”, já não têm importância, nem como países periféricos. Não são mais dominados, são excluídos.

Vale observar que essas mudanças, por um lado, vieram em decorrência do esforço do capital para reduzir custos, escapar de crises e vencer a concorrência e, por outro lado, foram viabilizadas pelas novas tecnologias, procuradas, a partir dos anos 80, com uma voracidade que alterou a linha dos investimentos mundiais. Os “orçamentos em ‘pesquisa e tecnologia’ dos grandes grupos superam os de quase todos os ministérios mesmo dos grandes países” (Chesnais, 141)

A marcha ascendente da “globalização” carrega, entretanto, intrínseca potencialidade por engendrar crises. Primeiro porque seu crescimento acentua a questão social e desperta contradições nacionais. Prepara um exército de excluídos. Mas especialmente porque agiganta o parasitismo, a força do capital rentista, que cresce fora da produção, e que



Do Comitê Central



Notas sobre a crise capitalista

Parte 2 (Adeus ao dogmatismo?)

Sérgio Barroso*

"Apesar da profundidade da crise estrutural capitalista contemporânea não acreditamos que as análises catastróficas ou meramente propagandísticas quanto à queda rápida desse sistema possam contribuir para uma nova definição e orientação da luta em geral." (Renato Rabelo - *Evolução do Pensamento Programático do PCdoB*, 1995).

A conclusão do Renato - que não pode ser isolada de sua crítica à decadência capitalista - representa uma contribuição importante, exatamente por buscar a ruptura com elementos do nosso pensamento dogmático. Ela se situa ajustadamente ao novo quadro estratégico surgido. E como resulta da análise do balanço e da alternativa programática, recomenda extrair conseqüências teóricas e políticas. Também guarda coerência com outra assertiva de Amazonas, que diferenciando o ato de vontade ou do impulso revolucionário, da consciência científica das leis do desenvolvimento histórico alerta: "A derrota final do socialismo na União Soviética, no início dos anos 90, estremeceu convicções idealistas, não dialéticas, que ainda defendíamos." (João Amazonas - *A transição ao comunismo requer correta orientação marxista*, 1995).

São questões fundamentais do nosso desenvolvimento teórico - para as quais nós, os principiantes, temos o dever de prestar atenção.

1. O segundo problema, contido no Projeto de Resolução Política - situação internacional -, e que revela também enfoque esquemático, diz respeito à caracterização da crise.

Vão esperar sentados (e por muitíssimo tempo) todos aqueles que pensam ser o problema central da crise capitalista deste fim de século, a queda das suas taxas de crescimento econômico médio. Ou simplificá-la, dizendo que essa crise afeta "indistintamente, embora de forma desigual" os países capitalistas (ponto 1). Da mesma forma, não ajuda em coisíssima nenhuma afirmações como "retumbante colapso" do sistema capitalista (ponto 2), "patente decadência do sistema capitalista" (ponto 6), não lhe deixando qualquer margem de manobra. Ou ainda, na seqüên-

cia, "profundos abalos nas relações interimperialistas", "novas e agudas contradições interimperialistas" (ponto 13), especialmente se parte do pressuposto de uma "posição cada vez mais declinante na liderança da economia mundial", referindo-se aos EUA (ponto 14).

As projeções da OCDE para 1997 apontam para um crescimento do PIB de 3,3% (EUA), 3,0% (Japão), 2,4% (Alemanha), 2,2% (França), 1,0% (Itália), 3,3% (Reino Unido) e 3,3% (Canadá). Teoricamente não muito animadoras, as taxas para o G-7 trariam discreto aumento médio do PIB em relação ao último período, assim como "cinco anos consecutivos" de "crescimento" da economia norte-americana (*FSP-16/2/97 p. 11; 22/6/97, p.2-2*). De acordo com a "*Fortune Americas*" (*JB - 10/6/97*), baseada em dados oficiais, o índice de desemprego nos EUA teria caído de 7,8% em 1991 para 4,9% em abril de 1997 (previsão de 5% para 97 - OCDE). É bom ressaltar que mais de um especialista contesta a mensuração oficial. Especificamente sobre a economia norte-americana, informações de fontes variadas dão conta que houve um processo efetivo de "reestruturação" dos ramos têxteis/plásticos, siderúrgico, semicondutores, entre outros, nos últimos anos. O que se deu em função do maciço deslocamento de empresas para outros países (e regiões dos próprios EUA) como no caso do primeiro ramo, e da descoberta/desenvolvimento de novas tecnologias de ligas de aço, no segundo citado. No setor de microprocessadores (computadores) - um dos esteios do "aquecimento econômico" - os EUA continuam a aplicar fabulosos investimentos, a ponto de, em 1995, seus gastos/pessoa serem de mais do dobro que o conjunto da Europa Ocidental e de 8 vezes a média mundial (40% dos investimentos mundiais em computadores, gastos de 850 dólares/pessoa). Por outro lado, seu inteiro comando sobre o GATT-OMC, com amplo favorecimento de suas corporações na mundial - e, especialmente como o NAFTA - os EUA duplicaram as exportações em termos reais para 826 bilhões de dólares, entre 1987 - 97. (*Fortune*, idem).

De outra parte, a mesma projeção da OCDE prevê crescimento de 5,5%, 6,0%, 6,3% para Hong Kong, Índia e Coreia do Sul, respectivamente. A pró-

pria Tailândia, cuja economia deve entrar em recessão **exclusivamente** por ataques especulativos à sua moeda supervalorizada, cresce a 8% há 10 anos seguidos. Para a América Latina, aquela organização projeta um crescimento médio de 4,3% no Brasil, na Argentina, no México, no Chile e na Venezuela, juntos.

Observe-se ainda que um misto de baixas temperaturas nas regiões mais industrializadas na América do Norte e Europa e "a retomada do crescimento econômico em quase todas as regiões do planeta", provocou um crescimento mundial do consumo de energia de 3,3% (gás 4,7%, petróleo 3,3% e carvão 3,1%), "a maior expansão em quase uma década" (relatório British Petroleum - *O ESP*, 27/6/97).

Por trazerem implicações táticas, especialmente geopolíticas, mas de repercussões de **manobra política estratégica**, as alterações na economia norte-americana precisam ser mais investigadas.

2. Voltando à questão que considero cultural, o principal vetor da crise do capitalismo - hoje de configuração oligopólica - decorre do altíssimo grau do parasitismo financeiro. Esta foi uma das conclusões já acentuadas por Lênin ao concluir o desenho da arquitetura do imperialismo: o surgimento da oligarquia financeira mundial. Que passa a necessitar da exacerbação especulativa, impondo "travas" gigantescas às engrenagens produtivas. Desdê então, o marxismo passa a compreender por onde se manifesta a crise sistêmica e **estrutural** do modo de produção, **nesta** fase histórica.

Por exemplo; quem deflagra a crise de 1929-33, que culmina na Segunda Guerra Mundial? O colapso do sistema financeiro, que "**começou** ... com a quebra da bolsa de Nova Iorque em 29 de outubro de 1929". A Grande Depressão de 29-33, como ficou conhecida, que equivaleu a algo muito próximo do colapso da economia mundial, "**agora** parecia apanhada num círculo vicioso", onde a queda dos indicadores econômicos, "reforçava o declínio em todos os outros". Mesmo assim, e surpreendentemente, "o crescimento econômico não cessou nessas décadas (29-33). Apenas diminuiu o ritmo" (todas as citações estão em *A Era dos Extre-*

mos - Hobsbawn, pp 96 e 92). O fato é que, a partir de 1924, a economia capitalista, impulsionada indiscutivelmente pela dos EUA, vivia um autêntico boom, e não uma estagnação. Seguramente, sem o caráter magno especulativo da crise de 29-33, a crise cíclica de superprodução subjacente tornar-se-ia residual e localizada e mesmo a profunda recessão que se seguiu ao **crash**, infinitamente menor.

3. Toda a formação econômico-social terá seu fim inevitável. Faz parte das leis históricas e da vida, enquanto a "alma" de tudo for a matéria, transformada também pelo homem. Mesmo o socialismo, tal como o concebemos hoje, também um dia desaparecerá.

O capitalismo, historicamente, é um regime obsoleto há muito tempo. Mas resistiu, inclusive, à primeira grande vaga das revoluções proletárias. E diante do quadro de **regressão temporária** dos ideais socialistas revolucionários, mesmo o agravamento monumental da contradição capitalista insolúvel - produção social x apropriação individual - não nos impede de constatar uma sobrevida maior ao sistema da escravidão assalariada. Sempre em meio aos inesperados sobressaltos.

E para renovar nosso pensamento marxista será necessário grande esforço para nos desfazermos de condicionamentos teóricos limitados.

Errata

No meu artigo da Tribuna de Debates nº 2

1) onde se lê:

... Assim como dizer que a "essência econômica do neoliberalismo" é a busca dos lucros das multinacionais (ponto 9) e o neoliberalismo...

leia-se

... Assim como dizer que a "essência econômica do neoliberalismo" é a busca dos lucros das multinacionais (ponto 9), constitui grave equívoco. O neoliberalismo...

2) onde se lê:

..., enquanto seu PNB representava 32 trilhões de dólares - ...

leia-se

..., enquanto seu PNB representava 3 trilhões de dólares - ...

*Do Comitê Central

CONTRIBUA PARA A REALIZAÇÃO DO 9º CONGRESSO DO PCdoB

RASPE PELA DEMOCRACIA PELO SOCIALISMO

Participe da promoção do 9º Congresso. Prêmios de R\$ 0,50 a R\$ 5 mil!

Entre em contato com o PCdoB-GO, rua 232, nº 50, Setor Leste Universitário, Goiânia, Goiás, CEP 74605-140

Telefone: (62) 202 4014

CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois

Ainda sobre a crise do imperialismo

Dilermando Toni*

Desde a preparação do 8º Congresso do PCdoB, em 1991, o Partido vem tratando da crise mais recente do imperialismo como:

1 - uma **crise estrutural**, que tem se agravado, para caracterizar os fenômenos ou fatores que atuam permanentemente sobre o sistema provocando seus desajustes crônicos, sua instabilidade sistêmica. Além da esfera econômica, tal tipo de crise está relacionada a aspectos políticos e ideológicos (superestruturais);

2 - **crises cíclicas**, que passaram a ter um caráter mais agudo e destruidor a partir dos anos 70. Mais precisamente as de 74/75 e de 80/82 - tendo ambas atingido a grande maioria dos países de capitalismo desenvolvido - e as de 90/91 nos EUA e Inglaterra, 92/94 em vários países da Europa e 92/96 no Japão. Estas são crises econômicas de duração relativamente breve, de conjuntura, como se costuma dizer, de superprodução relativa à demanda solvente. Se entrelaçam com a crise estrutural.

Assim foi no 8º Congresso em 1992, na 8ª Conferência que aprovou o **Programa Socialista** do Partido em 1995 e no atual **Projeto de Resolução Política do 9º Congresso**, que está em discussão. De uma forma ou de outra é isto o que está dito nos documentos relativos a esses eventos.

Como escrevi no artigo "Para melhor entender a crise econômica do capitalismo" (TD2/9º Cong), o Partido vem procurando apreender melhor a natureza das crises atuais, mas de antemão pode-se dizer que tem inegável mérito o fato de que, em plena crise do socialismo, numa correlação de forças bastante desfavorável às forças revolucionárias, o PCdoB não se deixou enredar por certo tipo de tendência oportunista que, ao amenizar a crise, pode levar à prostração política diante do imperialismo. Pelo contrário, o Partido tem tentado mostrar **concretamente** que o imperialismo está condenado, que é um regime sem perspectiva, que mais dia menos dia será substituído pelo socialismo científico.

A tendência a que me refiro esposa o ponto de vista de que o PCdoB carrega na tinta ao caracterizar a crise atual do imperialismo; que não se pode falar em crise estrutural do sistema; que a teoria marxista das crises tem função teórica específica de analisar conjunturas; que, ao contrário da tendência à estagnação da qual fala o Partido, o imperialismo está saindo da crise atual - da fase descendente à ascendente do ciclo longo - através de uma reestruturação conservadora de longa duração. A justificar tal assertiva estão fervilhando os novos produtos e novos processos, as revoluções nas telecomunicações e nos transportes, a expansão do capitalismo para a ex-URSS e Leste europeu. Entre delírios de avaliação e prognósticos absurdos - diz-se educadamente -, o PCdoB poderia estar prestando um desserviço à revolução e correndo o perigo de enveredar pelo caminho do voluntarismo e do blanquismo. Questionamentos sérios que nos levam a aprofundar o tema.

Num primeiro relance sobre tais opiniões quero crer que padecem de três males: 1) o menosprezo ao leninismo

quanto teoria científica do imperialismo e presença de um certo ecletismo teórico, 2) o particularismo em analisar fatos econômicos atuais sem levar em conta outros da mesma natureza, tão ou mais importantes, e 3) o unilateralismo em analisar questões econômicas desligadas dos fenômenos políticos em curso.

Em primeiro lugar - e mais uma vez - falo da atualidade da **teoria leninista do imperialismo**. Quando Marx assinou que "Não há crises permanentes"¹ ele estava se referindo às crises cíclicas de superprodução, sob o capitalismo da concorrência, que ainda não havia se desenvolvido suficientemente e passado para a etapa imperialista. Acontece que as coisas mudaram na virada do século XIX para o século XX, quase 20 anos após a morte de Marx.

À época em que o capitalismo - dizia Lênin - "pôde se desenvolver com a maior tranquilidade e fluidez - **relativamente** - expandindo-se de forma 'pacífica' a zonas imensas de terras ainda não ocupadas ..." se "seguiu uma época que é relativamente muito mais impetuosa, marcada por saltos, catástrofes e conflitos, uma época que para a massa da população se caracteriza não tanto por um 'horror sem fim' como por um 'fim cheio de horror'".²

Desde o advento desta nova época dizia genialmente Lênin "o **'soberano'** (o amo, ao pé da letra, DT) **do mundo é o capital financeiro, particularmente móvel e volátil, particularmente entrelaçado dentro do país e na ordem internacional; é particularmente impessoal e separado da produção direta, se presta à concentração com particular facilidade e já está concentrado a tal ponto que literalmente algumas centenas de multimilionários e milionários têm em suas mãos os destinos do mundo inteiro.**"³

Monopólio e capital financeiro, em desenvolvimento desigual. Aí estão em essência os dois pilares particulares e fatores permanentes de crise de toda uma época. Daí nasce, a exportação de capitais, a luta intermonopolista e interimperialista (que duas vezes neste século já evoluiu para a guerra); a busca do lucro máximo e o preço de monopólio, que são impostos por meios econômicos e extra-econômicos; o parasitismo e a tendência à decomposição e à estagnação; a opressão e exploração dos povos e nações menos desenvolvidas; a violência política do imperialismo em elevado grau. Daí vem a luta entre a oligarquia financeira, decadente, reacionária, corrupta e o proletariado, classe que passa a ocupar o centro da nova época. Daí surge a possibilidade do socialismo cuja existência passa a ser um fator de crise para o capitalismo.

A partir daí onde está o erro **conceitual**, teórico, em falar de crise estrutural do capitalismo na época do imperialismo, oriunda de fatores multicausais, endógenos e exógenos ao processo de acumulação capitalista? Por que tanta implicância quando o PCdoB parafraseando Lênin aponta a tendência **histórica** à decomposição e à estagnação do imperialismo? Quando foi que o Partido marcou data para a revolução socialista onde quer que seja? Pelo contrário, o **Programa Socialista** do Partido (ponto 4) diz que, ao meio à crise estrutural, o capitalismo se desenvolve atualmente com o advento da microe-

letrônica, da biotecnologia e da revelação da estrutura do átomo, etc.

Durante muitos anos o movimento comunista internacional trabalhou com o conceito de "crise geral do capitalismo", que se entrelaçava com as crises cíclicas de superprodução como a de 1929 a 1932. Depois do fim do campo socialista, principal fator da então chamada crise geral, vários partidos comunistas têm feito referências à crise estrutural do capitalismo.

Agora quer se **opor** o conceito de crise estrutural, crônica, permanente, à teoria da crises cíclicas de Marx para tentar compatibilizar essa última com a teoria dos ciclos longos ou das ondas longas que Mandel resgatou de Kondratiev, de Parvus, etc.^{4,5} O **ciclo longo** de aproximadamente 50 anos, 25 de ascenso e 25 de descenso, que envolve os ciclos curtos. Por analogia com esses se repetiriam **obrigatoriamente** (até quando?). Essa teoria não se coaduna com a idéia de Lênin de que dentro de uma etapa histórica de decadência, em certas circunstâncias, em certos setores, em certos países, pode haver **períodos** em que o capitalismo se desenvolva rapidamente. Crescimento contraditório, desigual, através do qual uma potência imperialista se adianta à outra aguçando desta maneira a disputa interimperialista; crescimento que gera resistência. Além desses períodos, o processo de acumulação se faz inevitavelmente em ciclos curtos, de aproximadamente 10 anos, com suas fases características.

Suscintamente essa seria a idéia em questão: tivemos um ciclo longo de 1945 a 1995. Os primeiros 25 anos foram a fase ascendente do ciclo longo; de meados dos anos 70 a meados dos 90, a fase que acabamos de viver, descendente do ciclo longo. Agora começamos a presenciar uma nova reestruturação de longa duração impulsionada pela revolução tecnológica. Teríamos assim o capitalismo saindo da crise.

A fim de entrar mesmo no que interessa, a pergunta que se põe é a seguinte: fugindo à obrigatoriedade de um novo ciclo longo, poderia-se dizer que o capitalismo vive (ou está entrando) agora, **concretamente**, num período de ascensão? Penso que não. Não há elementos suficientes que possam levar a uma conclusão deste tipo. O desenvolvimento técnico e tecnológico atual não se mostra capaz de alavancar um novo período como o do pós-guerra.

Por falta de espaço vou apenas enumerar (sem obedecer a ordem de importância) uma série de fatores, de tendências e contra-tendências atuais, de fundo, que abordarei nas próximas **Tribunas de Debates** a fim de demonstrar a idéia de que o período que vivemos concretamente é de crise e está prenhe de outras maiores:

1 - o fim do que se chamava de campo socialista e a reestruturação do mercado único capitalista, na virada dos anos 90;

2 - a partir de meados dos anos 70 acirramento das contradições interimperialistas, com a Alemanha e o Japão contrapondo-se crescentemente aos EUA;

3 - como consequência dos pontos anteriores: de um lado, crescimento do mercado para exportação de matérias e capitais; por outro, formação de blocos sob a influência de cada uma das

quelas potências econômicas, bem como o crescimento do protecionismo imperialista;

4 - o problema do desemprego estrutural, crônico, ou seja, a não utilização plena da força de trabalho disponível;

5 - o gravíssimo problema estrutural da não utilização plena da capacidade produtiva na indústria atualmente, tomando por base a situação da indústria automobilística;

6 - a manifestação atual do problema da produção de armas, após o fim da "guerra fria", as distorções que isso gera e seu significado geopolítico;

7 - o crescimento astronômico da parte fictícia do capital financeiro, do parasitismo imperialista, de meados dos anos 70 para cá - o chamado problema da globalização financeira -, como alternativa que se impôs objetivamente à tendência de crescimento lento, na busca de lucros através da especulação, para beneficiar antes de mais nada os monopólios norte americanos, e que deve continuar gerando crises cada vez mais graves (México, Tailândia, Filipinas, Malásia, Indonésia etc.), vindas da anarquia no mercado mundial de capitais e da ultrapassagem do "limite possível" entre a massa de capital fictício e capital real existente;

8 - as dívidas crônicas dos Estados desenvolvidos, crise das finanças estatais, déficits orçamentários;

9 - as enormes dívidas externas dos países dependentes que continuam crescendo em ritmo acelerado e atuam como fator gerador de crises no sistema financeiro internacional (vide crise das dívidas na década de 80);

10 - alguns problemas estruturais da economia norte-americana (emblemática para o sistema como um todo por ser a maior do mundo), déficits comercial e do balanço de pagamentos, as baixas taxas de poupança e de investimentos de longo prazo, com dificuldades de renovação do capital fixo.

A partir de uma análise mais aprofundada destes pontos, que de uma ou outra forma estão contidos no Projeto de Resolução **Enfrentar a escalada neoliberal...**, ficará mais claro se o PCdoB corre o perigo do blanquismo ou se quem fez este questionamento corre o risco de cair na contemplação imobilista.

Notas

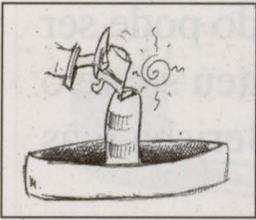
1 - Citado por Bukarin no interessantíssimo "Imperialismo e Acumulação de Capital" de 1924, uma polêmica com o "A acumulação de capital - uma anticrítica", de Rosa Luxemburgo.

2 - Lênin, OC, T27, p 99 (grifo de Lênin)

3 - Lênin, OC, T27, p 100 (Todo o grifo é meu. Grifei exatamente por achar de grande precisão e atualidade esta idéia de Lênin, DT)

4 - Para uma avaliação mais completa de Parvus sugiro a leitura do artigo de Lênin "Degradação extrema", de novembro de 1915, OC, T27, p 86/87, Editorial Progresso.

5 - Para melhor conhecimento da matriz teórica dos ciclos longos, sugiro a leitura do Capítulo 4, p 75/102 de "O capitalismo tardio", E. Mandel



As eleições mexicanas de 6 de julho poderão assinalar uma virada na história do país. A vitória de Cuauhtémoc Cárdenas abre um clarão de esperança não apenas no México, mas em toda a América Latina. O tempo da hegemonia do PRI acabou

A maior cidade do mundo diz não ao neoliberalismo

Miguel Urbano Rodrigues*

Cuauhtémoc Cárdenas, eleito prefeito da Cidade do México, não é exatamente um revolucionário. Seria uma ingenuidade acreditar que a sua política será de ruptura. Não vai procurar a confrontação com o governo federal. Já o disse: tentará manter um bom relacionamento com o presidente Ernesto Zedillo para resolver os problemas da capital e influir positivamente nas grandes questões nacionais.

Cuauhtémoc é um social-democrata atípico. Alguns analistas identificam nele um moralista. O qualificativo pode gerar confusão. Moralismo e eticidade não são sinónimos.

Num país de corrupção endêmica, o prestígio que Cuauhtémoc conquistou está intimamente ligado à sua concepção ética da política. Foi isso que o levou a romper com o PRI (o Partido Revolucionário Institucional, há 60 anos no poder) e a fundar um novo partido, o Partido da Revolução Democrática (PRD), junto com um punhado de dissidentes.

Persistência

Derrotado em sucessivas eleições - com a ajuda de fraudes -, nunca baixou os braços. Quando Salinas de Gortari, ex-presidente da República, intensificou a política de privatizações iniciada por Miguel de la Madrid, imprimindo-lhe um ritmo e um estilo selvagens, Cárdenas comandou o combate a essa estratégia e recusou qualquer tipo de compromisso com o presidente, arquétipo dos *Harvard boys* latino-americanos, programados para executarem as políticas de ajustamento ditadas pelo FMI e pelo Banco Mundial.

Cuauhtémoc (nome do herói nacional, o príncipe azteca que defendeu Tenochtitlan contra os espanhóis) foi, durante muitos anos, um político próximo do centro do PRI. Foi precisamente sua eticidade que o fez caminhar para a esquerda. O exemplo do pai terá sido decisivo. Após sua morte, coube-lhe ler em gigantesco comício o testamento político do general Lázaro Cárdenas. Nesse documento, carta ao povo mexicano, o ex-presidente (que implantou a reforma agrária e nacionalizou o petróleo, resistindo às pressões e ameaças

dos EUA) lembrou aos seus compatriotas que a revolução democrática e nacional fora desviada dos seus objetivos e denunciou como traição nacional a estratégia de destruição do setor empresarial do Estado em benefício das transnacionais e da grande burguesia a elas atrelada.

São prematuras as previsões sobre a evolução da conjuntura mexicana. Mas é transparente que o resultado das eleições provocou mal-estar em Washington.

O temor de uma nova revolução no México permanece onipresente no imaginário norte-americano. A administração Clinton tem consciência de que a relação entre os dois países atravessa uma fase muito difícil. A nova lei de imigração dos EUA, os incidentes diários no muro da fronteira com a Califórnia, o funcionamento discriminatório do NAFTA (o comercial Mercado Comum da América do Norte), contribuiu nos últimos meses para avolumar o tradicional e justo res-

sentimento mexicano contra o grande vizinho do Norte. A atitude do Senado americano no episódio dos certificados de bom comportamento na luta contra as drogas foi sentida pelo povo mexicano como um insulto à dignidade nacional.

Advertência

O discurso de crítica à arrogância imperial norte-americana assumiu então uma dureza inédita: foi uma advertência esclarecedora do estado de espírito das massas.

A atmosfera anti norte-americana era tão transparente em abril, que para receber Clinton, numa visita de programa encurtado, o governo mexicano mobilizou o maior aparato policial militar já visto na capital. Apesar do colossal dispositivo de segurança e para evitar o encontro com manifestantes, Clinton chegou ao hotel de helicóptero e saiu de atos oficiais pela porta dos fundos.

Como novo prefeito da Cidade do México, Cuauhtémoc Cárdenas não influirá direta-



Cárdenas, o novo prefeito

mente no rumo da política federal. Mas o peso da gigantesca megalópolis na vida nacional é esmagador, e o PRI passou a ser minoritário na Câmara dos Deputados.

Ernesto Zedillo já afirmou que tudo fará para atrair Cárdenas, envolvendo-lhe no sistema. Ao declarar que o país "deu um passo decisivo no sentido da democracia plena", o atual presidente simulou esquecer a campanha o candidato oficial do PRI à prefeitura apontou sempre

Cárdenas como um traidor que provocara a cisão do partido.

Que fará Cuauhtémoc Cárdenas?

Intelectuais, como o social-democrata Jorge Castañeda, fazem votos para que ele se comporte como político de esquerda "moderada". Sonham com um Tony Blair ou um Jospin de figurino latino-americano. Na prática, isso significaria a aceitação, para o México, de uma estratégia neoliberal suavizada.

Esperança

A maioria dos observadores acredita, porém, que a eticidade de Cárdenas e o seu respeito pela memória do pai o levarão, pelo contrário, a radicalizar a sua posição. De qualquer forma, o fator subjetivo será determinante, pois o PRD é uma organização partidária ainda débil.

Cárdenas pensa na presidência da República, conhece os efeitos devastadores da política neoliberal e sabe que a defesa da soberania nacional exige firmeza perante o imperialismo norte-americano.

O novo prefeito da maior cidade do mundo ganhou a confiança dos mexicanos sem recorrer à tentação do populismo. Pretende agora manter essa confiança e ampliá-la. "Vencemos na capital, agora nos preparamos para ganhar no país, no ano 2000"—comentou numa primeira alusão aos planos do seu partido.

São muitas as perguntas sem resposta que o povo mexicano formula. Mas a eleição de Cuauhtémoc Cárdenas abre um clarão de esperança não apenas no México, como em toda a América-Latina. Acontecimento político de natureza muito diferente, confirma o que Chiapas anunciou: o tempo do imobilismo acabou no México. O grande povo irmão do Norte não aceita passivamente o papel subalterno e semi-colonial que os EUA lhe atribuem na sua cruel nova ordem internacional. A dramática crise de 1994 contribuiu decisivamente para que o povo mexicano tomasse consciência de uma realidade óbvia: a corrupção era, e é, inseparável da tentativa de imposição do maciasso modelo neoliberal.

*Jornalista, ex-deputado do PCP no Parlamento Europeu



Socialistas ganham as eleições na Albânia. Esse resultado pode ser o início da reação do povo albanês à tragédia que se abateu sobre o país desde a queda do socialismo, aos desmandos de Berisha e às conseqüências do projeto neoliberal

Mais que uma "onda rosa"

Luiz Manfredini*

A vitória dos socialistas nas recentes eleições albanesas expressou mais que uma espécie de "onda rosa" no País das Águias. Resguardemos, é claro, as proporções e as diferenças históricas - estruturais e conjunturais - que separam a Albânia dos países da Europa ocidental, cujos eleitores resolveram breçar a avalanche neoliberal. De qualquer forma, os albaneses reagiram à tragédia que se desenvolve no país desde a derrocada do socialismo, em 1990/91: aos desmandos da Shick - a temida polícia secreta do "democrata" Sali Berisha - ao *gangsterismo* e às conseqüências do pérfido receituário neoliberal que deteriora cada vez mais as condições de vida da maioria da população. E o fizeram contando com um dado novo, e bastante significativo, no cenário político do país: a lenta, ainda incipiente, mas determinada rearticulação das forças comunistas.

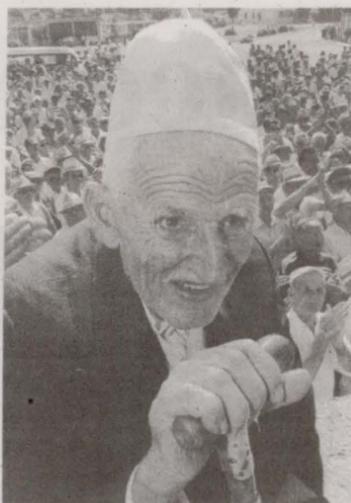
A tragédia da Albânia atual há tempos acumula ingredientes explosivos. O orgulhoso País das Águias vem sendo exposto a um enxovalhamento inominável. A terra de Skanderbeg, herói nacional da resistência aos otomanos, tornou-se rota e fecundo mercado para as drogas, escancarado bordel, estuário do lixo atômico da Europa Ocidental, campo para manobras militares e lances geopolíticos de potências hegemônicas na explosiva região. Chegou-se ao cúmulo de, sob o beneplácito governamental, os albaneses embarcarem no conto do vigário das "pirâmides" e queimarem aí todos seus bens e economias! Estão na miséria e, obviamente, em desespero. Não espanta, portanto, que verdadeira insurreição popular tenha conflagrado o país. E com a radicalidade típica que vem marcando a peregrinação dos albaneses por mais de mil anos de história. Penso que os resultados das recentes eleições estão nos marcos da rebelião instalada.

Imbróglio

O regime comunista liberado pelo Partido do Trabalho e por Enver Hoxha apresentou debilidades e cometeu numerosos erros como, de resto, ocorreu nas demais as experiências socialistas deste século. Não foi por menos que a maior parte delas acabou derrotada. Nada disso é mais novidade

de para os marxistas revolucionários, que tratam de examinar criticamente os acontecimentos e deles extrair as devidas lições. Mas os comunistas albaneses nunca levaram o povo de seu país à situação de dissipação e miséria criada sob a batuta do Partido Democrático de Sali Berisha.

O imbróglio ali constituído no turbulento pós-comunismo - incluindo o recente episódio eleitoral - é de contorno difuso para quem, como nós, o observa à distância. O poder da máfia é incontestável, ao que se sabe, saiu fortalecido durante a convulsão social de meses atrás. Mas também se tem notícia de que, ao longo das confrontações, os comunistas organizaram comitês populares, atuaram ativamente no movimento insurrecional, robusteceram sua influência e, a despeito das enormes dificuldades impostas pelo novo regime, desencadearam um alvissareiro processo de reestruturação. Não se tem conhecimento, por outro lado, da real situação das forças armadas, que praticamente escancararam os quartéis à população quanto esta se amotinou. A comunidade européia, por seu turno, sempre jo-



Albanês, no dia da vitória

gou pela estabilidade regional, mesmo "sacrificando" Berisha. Foi sacrificado. E o ministro socialista das Finanças, Arben Malaj, já adiantou que o programa econômico do partido será baseado das proposições do FMI. A situação, como se vê, é nebulosa.

Maldição

Parte do atual fenômeno albanês - e que não é estritamente albanês - certamente provém dessa espécie de maldição que acompanhou as primeiras experiências socialistas, o fato previsto, embora irrecusável, da revolução eclodir nos países mais

atrasados. Algo que ainda cobra estudos e aprofundamentos. A Albânia nunca teve uma burguesia e, quando o retrocesso ao capitalismo a exigiu para dirigir o país - com a possibilidade de ali instalar uma democracia burguesa minimamente organizada -, quem fez suas vezes foi a máfia, o banditismo e uma súpica de burocratas esclerosados do antigo regime, inexperientes nos negócios do mercado. O Partido Socialista guarda nulas semelhanças com seu antecessor, o Partido do Trabalho da Albânia. De qualquer modo, sua vitória faz a Albânia pelo menos vislumbrar uma perspectiva mais confortável do que a barbárie ali instaurada pelo "democrata" Berisha e sua ferocidade neoliberal. É isto e o soerguimento das forças comunistas - ainda que lento - o que nos autorizam a falar em algo mais que uma "onda rosa" à albanesa.

Quem sabe esse bravo povo balcânico esteja passando por novas experiências dolorosas, entre as tantas que viveu em sua história milenar, para aprender, na própria carne, sobre as definitivas iniquidades neoliberais e os impasses intransponíveis do capitalismo? Quem sabe uma expectativa de reconstru-

ção socialista, ainda que longínqua, esteja cobrando este preço? Mas os albaneses, que conquistaram a história com a espada na mão - como, orgulhosamente, costumavam dizer - estão habituados a isso. Já saíram de situações piores. A esperança é de que a vitória dos socialistas venha a contribuir para a reconstrução de uma sociedade à margem do banditismo mafioso ou da truculência policial, moderna e democrática, ainda que nos marcos estreitos do regime burguês. Ademais, não se trata simplesmente de retomar o fio interrompido com a derrota socialista de 1990/91. Trata-se de repensar o passado e o presente, refletir sobre os erros cometidos e requalificar a proposta socialista, mas de um socialismo renovado, depurado dos equívocos cometidos, rumo ao qual se estabelecerá a necessária transição que, no passado, acabou gravemente comprometida pelo voluntarismo, o subjetivismo e o dogmatismo. Não há, a rigor, outra alternativa capaz de evitar que o neoliberalismo a quase todos consuma com seu apetite deformado e seu cardápio de atroz iniquidades.

*Jornalista e escritor

Hong Kong - a jóia e a jaça

José Carlos Ruy

Quando quatro mil soldados do Exército de Libertação do Povo entraram em Hong Kong, às 6 horas da manhã do dia 1º de julho, eles foram aplaudidos pelas pessoas que estavam nas ruas. Junto com a reafirmação do orgulho nacional, o povo comum de Hong Kong via neles a promessa de que a cidade, a partir de agora, deixaria de ser apenas dos ricos.

A glória da riqueza de Hong Kong foi cantada aos quatro ventos nos últimos dias. Foi, disseram, a última pérola da coroa britânica, uma pedra preciosa entregue pelos ingleses ao regime de Pequim. Houve mesmo muitos comentaristas que lamentaram o fim do domínio colonial, preferindo a continuidade da posse britânica à devolução da ilha à soberania chinesa. Foi o show da riqueza. Afinal, ostentando números de primeiro mundo na economia, a cidade tem uma elite típica de terceiro mundo, perdulária e exibicionista. Lá está a maior concentração de automóveis Rolls Royce do planeta, e mo-

ram em Hong Kong 20% das pessoas mais ricas do mundo.

Mas é uma jóia com jaça (impurezas que podem aparecer em pedras preciosas). Hong Kong é um excelente exemplo do fato de que o capitalismo cria riqueza num pólo e acumula muita pobreza em outro. Algumas conjunturas favoráveis permitiriam o crescimento da riqueza da ilha. As massas de chineses que migraram para lá nos anos 50 e 60, fugindo das crises das primeiras décadas da implantação do socialismo na China, forneceram mão-de-obra extremamente barata e sequeiosa de empregos. Com ela, os ricos da ilha começaram a construir um parque industrial para produzir quinquilharias de todo tipo, principalmente eletrônicas, para exportação. Beneficiou-se também do fato de ser uma espécie de porta da China Popular para o mundo, criando vínculos que se fortaleceram depois que Deng Xiaoping começou seu programa de modernizações. A riqueza da ilha, que estava ancorada no trabalho de seus pobres, passou

também a beneficiar-se do trabalho barato dos milhões de chineses que produzem a imensa maioria dos produtos que Hong Kong exporta.

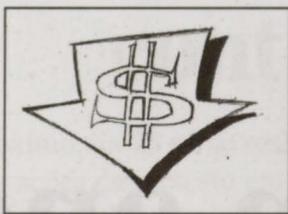
Este é o segredo que permitiu tanta riqueza em tão pouco tempo, e num território tão exiguo. Riqueza que não se distribui por todos os 6 milhões de habitantes de Hong Kong. Ali, o padrão de distribuição da riqueza é típico de países pobres: 10% da população tem 42% da riqueza; na outra ponta, 50% da população tem apenas 19%. O índice de Gini, usado para medir concentração de riqueza (ele vai de zero, que indica uma situação de distribuição igualitária, a 1, indicativo de distribuição absoluta), pulou de 0,435 em 1976, para 0,518 em 1996.

Na vida real, estes índices se traduzem em situações dramáticas. Os moradores das chamadas *casas-gaiolas* são exemplo mais visível das dificuldades que os pobres de lá enfrentam. Existem 10 mil pessoas vivendo em cubículos de quatro metros de extensão por 1,5 de altura (algumas vezes são menores, caben-

do apenas um colchão), pelos quais pagam alugueis de até 60 dólares mensais; há mais de 80 mil idosos que moram sozinhos, a maior parte com pensões inferiores a 200 dólares mensais (um terço dos suicídios locais são de velhos, que invariavelmente invocam o mesmo motivo para dar fim à vida: "aliviar a farda familiar").

Esta é a ponta do iceberg da pobreza, concentrada nos chamados "territórios novos", a área continental adjacente a Hong Kong. Ali, a face terceiro-mundista mostra-se com toda crueza - e se traduz na prostituição, na miséria, nas habitações típicas das periferias das cidades do lado pobre do mundo, na violência das gangs e das máfias.

A devolução da ilha provocou temores entre os ricos locais, e alarme entre seus similares (e a mídia) no resto do mundo. Temor que os moradores pobres parecem não compartilhar. "Vai ser melhor", disse um desses trabalhadores a um jornalista brasileiro contratado para cobrir o evento histórico. "Com chineses como eu, só pode ficar melhor".



A Tailândia vem sendo fortemente abalada por uma crise cambial que desvalorizou 18% da moeda local (o *baht*). A crise estendeu seus efeitos para outros países da região e lança sinais preocupantes sobre o futuro de economias como a brasileira do Plano Real

Lições da crise na Tailândia

Umberto Martins

Um dos tigres do sudeste da Ásia, com uma população estimada em 59 milhões de pessoas e registrando crescimento médio superior a 8% ao ano desde o final da década de 80, a Tailândia vem sendo fortemente abalada por uma crise cambial. Ocorreu uma desvalorização de 18% da moeda local (o *baht*). A crise estende seus efeitos para outros países da região e lança sinais preocupantes sobre o futuro de economias como a brasileira do Plano Real.

O país vinha se desenvolvendo à base de capitais estrangeiros, captados para sustentar crescentes déficits em conta corrente, equivalentes a 8,1% do PIB em 1995 e 8,2% no ano passado. A dívida externa é de 90 bilhões de dólares (51% do PIB). A necessidade de volumes maiores de recursos externos fez com que os investidores se retraíssem, precipitando a crise cambial.

O Brasil amanhã

A crise tailandesa revela uma vez mais que a médio e longo prazo a estabilidade monetária e o crescimento econômico não podem conviver com déficits crescentes nas contas externas e ser sustentados pelo fluxo (também crescente) de empréstimos e investimentos diretos estrangeiros, em larga medida especulativos e de curto prazo. O primeiro alerta neste sentido veio do México.

Como proporção do PIB, os déficits nas contas externas brasileiras são inferiores aos da Tailândia. Mas, a cada ano maiores, mostram uma perigosa semelhança com os índices mexicanos observados antes da crise cambial de 1994. As condições da Ásia e América Latina não são as mesmas no que diz respeito à possibilidade de financiamento externo.

O sinal mais sensível da deterioração nessas contas é o déficit da balança comercial, que neste ano deve chegar a 12 bilhões de dólares. Projeta-se em 54 bilhões de dólares a necessidade total de pagamentos do Brasil ao exterior, sendo a fatia mais apreciável deste valor constituída por amortizações e juros da dívida externa (em segundo plano, remessas de lu-

ros, dividendos e outras). Ainda que exportações e importações estivessem equilibradas, seria preciso obter US\$ 42 bilhões para zerar o balanço de pagamentos, através principalmente de empréstimos que engordarão a dívida externa e demandarão transferências ainda maiores no futuro, configurando o círculo vicioso do endividamento.

"Chega a conta das captções externas", conforme notou o jornal *Gazeta Mercantil* (edição de 11, 12 e 13/07). Junho marcou um recorde, com a amortização de empréstimos no valor de US\$ 6,116 bilhões, "a maior da história do país". No mesmo mês, o Banco Central teve de queimar US\$ 1,7 bilhões de suas reservas, além da venda de bônus e renovação da dívida no exterior (US\$ 4,912 bilhões), para bancar os compromissos.

É quando se mexe nas reservas que a situação torna-se mais crítica. No Brasil o "desenvolvimento" da economia, com déficits crescentes nas contas externas, não poderá ser sustentado indefinidamente. Mantida a atual tendência, vai chegar o momento da verdade cambial (com máximas desvalorização), que pode soar como o dobre de finados do real. As medidas adotadas pelo governo FHC (restrições às importações, à demanda interna e incentivos às exportações) se revelam insuficientes para sanar o problema. Com base em reservas ainda gordas, em torno hoje de 57 bilhões de dólares, atração de capitais para as privatizações e promessa de juros generosos, o presidente aposta que pode empurrar o ajuste cambial para depois das eleições de 98.

A proeminência do Japão

Foi ao Japão, seu maior credor e investidor, e não aos norte-americanos, que a Tailândia pediu socorro, na forma de um empréstimo de 10 bilhões de dólares para reequilibrar o balanço de pagamentos e estabilizar o câmbio em seus novos (e deprimidos) patamares. A exemplo do que ocorreu com o México (com suas receitas petrolíferas penhoradas) em relação aos Estados Unidos, a crise cambial

jogou a Tailândia, ainda mais, nas garras do imperialismo japonês.

O episódio coloca em evidência a crescente supremacia econômico-financeira do Japão sobre aquele país e, em geral, a Ásia. Os expressivos excedentes de capitais (revelados nos superávits em contas correntes) que empresas e governo nipônicos vêm acumulando não são aplicados exclusivamente em títulos e ativos norte-americanos.

Uma parte significativa tem sido destinada pelos japoneses a investimentos na Ásia, num movimento de notáveis implicações estratégicas. O fato dos países economicamente dependentes da Ásia terem escapado à lógica da década perdida e registrado desde o início dos anos 80 taxas de crescimento bem superiores às da Europa e Américas tem muito a ver com o fluxo de capital nipônico para a região.

Dívida e vulnerabilidade externa

Outro fato que chamou a atenção para o crescimento do poderio financeiro do Japão foi a queda da Bolsa de Nova York no dia 23 de junho, provocada pela ameaça do primeiro-ministro japonês, Ryutaro Hashimoto, de vender títulos e moedas norte-americanas para comprar ouro. Posteriormente ele deu o dito por não dito. Mas os investidores tiveram um bom motivo para o pânico. Se a ameaça do Japão fosse cumprida, provavelmente uma crise financeira sem precedentes seria instalada nos EUA, irradiando seus efeitos para outras regiões do globo. A queda da bolsa (a maior, desde o *crash* de 1987) funcionou como uma bofetada na arrogância do império americano e não parece ter ocorrido um dia após a reunião do G-8 em Denver (onde o presidente Bill Clinton fez uma grotesca exibição de forças) por mera coincidência. Em 1987 um susto parecido foi causado pela decisão das grandes seguradoras nipônicas de interromper a compra de títulos do Tesouro norte-americano, colocando em xeque o financiamento dos déficits pú-



blico e nas contas externas daquele país.

O fato derrubou alguns mitos e ilusões. Um desses mitos insinua que o endividamento dos EUA, que corrói as bases de sua hegemonia econômica a nível mundial, não significa problema maior. O império disporia de crédito ilimitado e a simples autoridade na emissão do dólar - um dólar, notemos, cada vez mais desvalorizado frente ao iene - seria garantia suficiente de pagamento e lastro.

O pânico na bolsa teve, entre outros, o mérito de eviden-

ciar que a dívida externa dos EUA tem um preço e pelo menos um forte credor que faz questão de lembrar que pode cobrá-la. Se, a exemplo do que acontece com os endividados da periferia, impor-se a lógica do ajuste, o custo começaria pela renúncia ao consumo de algo em torno de 170 bilhões de dólares por ano, para zerar o déficit da balança comercial, revelador do quanto sua sociedade vem vivendo além dos próprios meios que produz, sustentando a farra com um crescente (e aparentemente inesgotável) endividamento.

Che volta a Cuba

Sandra Luiz Alves

No sábado, 12 de julho, as ossadas de Ernesto Che Guevara, Alberto Fernandez Montes de Oca, René Martínez Tamoyo e Orlando Pantoja Tamoyo foram recebidas com honras militares e com um discurso emocionado da filha de Che, Aleida Guevara March, na base aérea de San Antonio de los Baños, em Cuba, onde ficarão até 8 de outubro, quando seus restos mortais irão para um mausoléu em Santa Clara.

Em novembro de 1995 o general boliviano Mario Vargas Salinas disse que o corpo de Che "foi enterrado e não cremado", versão até então sustentada pelo Exército da Bolívia. A partir de então começaram as escavações que levaram às ossadas de Che e seus companheiros, agora recebidas em Cuba.

"Toda nossa ação é um grito de guerra contra o imperialismo e um clamor pela unidade dos povos contra o grande inimigo da raça humana: os Estados Unidos da América do Norte. Em qualquer lugar que

nos surpreenda a morte, que seja bem vinda, desde que esse nosso grito de guerra tenha chegado a um ouvido receptivo e outra mão se estenda para empunhar nossas armas", afirmou Che no texto conhecido como *Criar dois, três... inúmeros Vietnãs, essa é a palavra de ordem*.

O desaparecimento da vida pública de Che no primeiro semestre de 1965 preocupou os EUA e a grande imprensa do mundo todo. Hoje sabe-se que Che, em abril de 65, foi ao Congo belga, retornou secretamente a Cuba em dezembro e em novembro de 66 chegou à Bolívia, para organizar a guerra de guerrilhas. Sua presença nas selvas bolivianas só foi confirmada em junho de 67. Em 8 de outubro foi capturado pelo exército boliviano e assassinado no dia seguinte. Na noite de 10 para 11 seu corpo desaparece, para só agora ser encontrado e enviado para Cuba. Um herói da América Latina e dos povos de todo o mundo, que lutam contra a opressão e pelo socialismo.

